

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

Revista Internacional LAP do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :

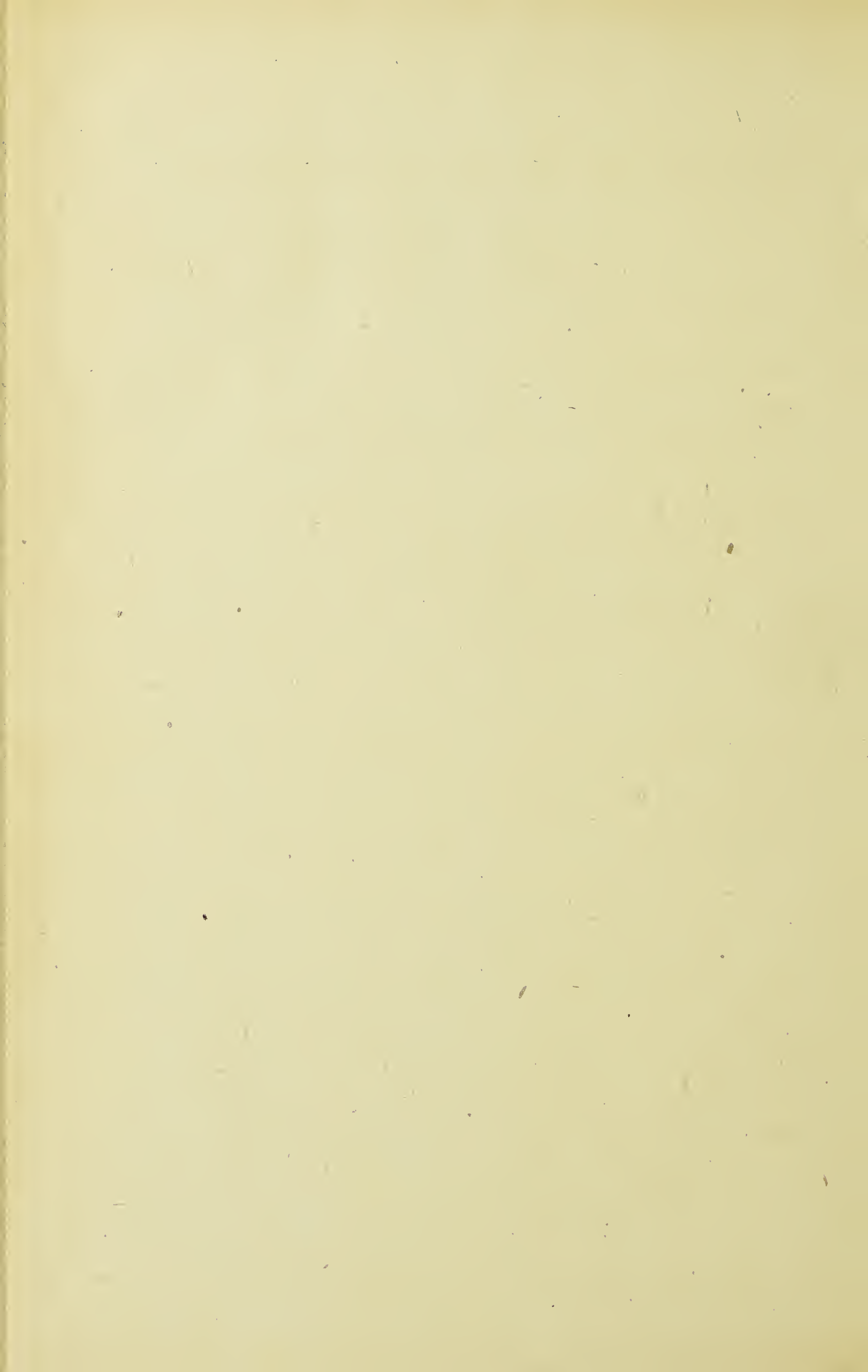
CAIRBAR SCHUTEL

Sumário

Cairbar Schutel
A Vidente de Prevorst
Pontos de Vista
Fenômenos de Materialização
No Bazar dos Tecelões
A Obra de Geley
Como Jesus operou a cura de um
Surdo-Mudo
Livros e Autores
A Morte e a Alma
O Juizo Final
Semana Santa
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil
Índice



CAIRBAR SCHUTEL



Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS


FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✎ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

CAIRBAR SCHUTEL

o abrir o presente número não podemos deixar de mencionar um memorável acontecimento: é que no próximo dia 30 transcorre o décimo aniversário do passamento do fundador desta Revista, o nosso amado companheiro Cairbar Schutel.

Julgamos desnecessário relatar de novo o que na seara espírita produziu o trabalho perseverante, ativo, metódico e inteligente de Cairbar Schutel, porque, segundo pensamos, não existe nesta terra de Santa Cruz um só espírita que, pelo menos, não tenha ouvido falar no seu nome e nas suas obras. E assim dizemos porque o seu nome é mencionado em toda a parte onde exista um espírita: nas Capitais, cidades, vilas e sertões brasileiros. Até em muitas Capitais do Continente e de além mar Cairbar Schutel é conhecido como um dos pioneiros do Espiritismo no Brasil.

Cada vez mais admiramos e estimamos êsse espírito amigo, prin-

cipalmente quando vemos o que se passa em muitos meios espíritas onde o personalismo solapa as belas realizações dos grandes movimentos espíritas, pois Cairbar Schutel era humilde, serviçal, pondo sempre acima de tudo os interesses da doutrina, embora isto lhe custasse os maiores sacrifícios.

Do lado de lá da vida, Cairbar, que consideramos um dos componentes da Milícia Celestial, continua no mesmo trabalho, ensinando, guiando, estimulando e encorajando todos aqueles que, munidos de boa vontade, trabalham na seara. Nós, por exemplo, temos recebido provas inegáveis do auxílio que êsse caro companheiro nos tem prestado tanto no terreno espiritual como no material. E sem êsse auxílio, certamente a tarefa nos seria mais pesada e talvez não teríamos vencido certas dificuldades com a facilidade com que as vencemos.

Escrevendo sobre Cairbar Schutel, o Prof. Leopoldo Machado, entre outras coisas, disse o seguinte

num artigo publicado em «Mundo Espírita» de 12/2/938 :

«Seu espírito combativo e desassombrado, sua inteligência viva e ágil, seu labor onímodo a pród da sempre maior difusão da Doutrina, ficarão como perfeitos modelos para quem deseja ser, dentro do Espiritismo, espirita de facto, pela compreensão integral da divisa do verdadeiro espirita : Trabalho, Solidariedade, Tolerância.

Como observador analista dos males que nos afligem, filosofou Cairbar, psicologicamente, sôbre a causa dêesses mesmos males, achando-as na política sem moral, na religião sem Deus, na ciência sem sabedoria. Aprofundemos-lhe o pensamento, e não veremos como recusar-lhe a verdade do asserto...

Se licito nos é aponta-lo pela sua capacidade de realização, como o espirita n.º UM do Brasil, talvez, para não susceptibilizar melindres de outros companheiros, também dedicados à Seara, ousamos assegurar que, no plano material, o lugar que deixa vago, só muito difficilmente será preenchido por outro temperamento irmão do seu ...»

Cairbar Schutel, amigo e companheiro dedicado, por motivo da

passagem do décimo aniversário do teu regresso à Patria Espiritual, recebe as nossas homenagens num culto de grande estima e amor, e



Cairbar Schutel

nos ajuda, como sempre nos ajudaste, a desempenhar a tarefa que nos é comum : difundir a Doutrina do Senhor.

A ciência espírita compreende duas partes : experimental uma, relativa às manifestações em geral ; outra filosófica, relativa às manifestações inteligentes. Aquele que apenas haja observado a primeira se acha na posição de quem não conhecesse a física senão por experiências recreativas, sem haver penetrado no âmago da ciência. A verdadeira doutrina espírita está no ensino que os Espíritos deram e os conhecimentos que êsse ensino comporta são por demais profundos e extensos para poderem ser adquiridos de qualquer modo, que não por um estudo perseverante, feito no silêncio e no recolhimento. Porque, só dentro desta condição se pode observar um número infinito de factos e particularidades, que passam despercebidos ao observador superficial, e firmar uma opinião.

ALLAN KARDEC.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPITULO XIII

Sonhos Proféticos

Certo dia, a Sra. Hauffe, que se achava então bem mal, disse a uma mulher muito sensível e que estava prestes a deixá-la: «O que sonhar esta noite que eu deva fazer, fa-lo-ei.» Essa senhora sonhou que, passando do seu quarto para um aposento maior, vira vários frascos d'agua ferruginosa e que a Sra. Hauffe lhe fizera sinal para que lhe desse um deles, no qual estava escrito «Aqua Fachinger». O mais extraordinário é que, naquela mesma noite, teve a Sra. Hauffe sonho idêntico. Ela seguiu a indicação e o resultado foi o que desejava.

Outra noite sonhou que via o primogênito do seu tio sair de casa com um esquite na cabeça, e, sete dias após, seu próprio filho, de um ano de idade, de que ninguém, no momento, suspeitara a doença, morria. Ao despertar, contára o sonho a mim e a outros.

Sonhou outra noite que, atravessára uma corrente d'agua, tendo na mão um pedaço de carne estragada e que, encontrando-se com a Sra. N., esta lhe havia perguntado, com inquietude, o que ia dela fazer. Quando nos fez conhecer tal sonho, não conseguimos interpretá-lo. Sete dias após, a Sra. N. dava à luz um filho morto, cujo corpo já estava em estado de decomposição.

Noutra noite sonhou que a Sra. L., a quem nunca vira, nem conhecia, vinha a seu encontro, chorando e levando uma criança morta nos braços, a pedir socorro. Seis semanas após, aquela senhora dava à luz, em seguida a muitos sofrimentos e perigos, e perdia o filho.

Certa vez, quando dormia em minha casa, no andar inferior, sonhou que, na caixa d'agua, situada no an-

dar superior, em que não havia estado antes, se achava algo que não devia ali estar. Ela me contou tal sonho e, no dia seguinte, mandei esvasiar a caixa e ali se encontrou uma velha agulha de tricô, toda enferrujada. A sra. Hauffe havia bebido água daquela caixa, antes de ir-se deitar, e provavel é que sua extrema sensibilidade a ação dos metais provocasse tal sonho.

Na noite de 28 de janeiro de 1828, a Sra. Hauffe sonhou que, encontrando-se numa ilha deserta, vira seu filho morto, cercado de uma luz celeste, com uma corôa de flores na cabeça e segurando na mão um raminho cheio de botões. Ele desapareceu e ela me viu a cuidar de um homem que sangrava; isto foi seguido de uma terceira visão de si mesma, tomada de espasmos violentos, quando uma voz lhe dizia que eu ia chegar. Ela me contou esse sonho na manhã de 29. No dia 30 era eu chamado para acudir um individuo ferido no peito e, na mesma noite, ia a casa dela, confirmando-se assim, a terceira visão. Não sabemos se outro acontecimento teria feito interpretar a aparição de seu filho.

Vou dar agora um exemplo do seu conhecimento do futuro, fóra dos sonhos e quando estava apenas em estado sonambúlico. No dia 6 de Julho de 1827, após ter ficado algum tempo inerte, disse: «Vejo, N., na lua, ainda que habite a terra, mas eu o vejo como se êle estivesse estado allí antes. Dentro de três meses êle morrerá e meu pai será o primeiro a saber de sua morte.» Tal pessoa, que gozava, na ocasião, de excelente saúde, morreu na época indicada e o pai da Vidente foi o primeiro a sabê-lo.

Eis um notável sonho profético de W. Reiniger, de Stuttgart, que se afogou no Neckar e que, como sobressai de suas memórias, havia de-

envolvido sua vida interior. Êle escreveu em suas memórias, caídas após sua morte, nas mãos de seus parentes, que se lembrava, com espanto, de um sonho que seu pai lhe contára. Seu pai sonhara que êle atravessava um rio, segurando seu filho pela mão, quando o viu, subitamente, afundar-se sem socôrro possível. O jovem acrescenta: «Se não me enganar, tive um sonho semelhante e a cêna ainda está presente à minha me-

mória, com todos os detalhes. Meu pai o terá sem dúvida esquecido».

Vê-se, por tal registro, que, pouco antes de sua morte, sofrera, muitas noites, de uma angústia estranha e inexplicável e que tivera, além disto, um outro sonho inquietante, de que infelizmente não dera detalhes. Tinha provavelmente relação com o seu fim próximo.

Êle se afogou ao tomar banho no rio Neckar, onde fôra a contragosto.

PONTOS DE VISTA

Leopoldo
Machado

Algumas explicações, que andamos publicando nesta *Revista*, nossos pontos-de-vista a proposito de muitos assuntos doutrinários, serviram para que outros confrades nos enviassem questões e perguntas, para outros *pontos-de-vista*.

Sempre que preciso, publicaremos, a partir dêste número, *Pontos-de-vista*, atendendo, dentro do possível e conforme a escassez do nosso engenho e de nossa arte, aos apelos que nos forem feitos.

Explicações que não passarão, é claro, de *Pontos de Vista* de quem escreve; que não devem passar, certos ou errados, de simples modos de ver as coisas. Todos eles, entretanto, aquí aparecerão com muita sinceridade e franqueza.

1—) *Espiritismo de terreiro*

E' certo que o espiritismo de terreiro «apanha mais frequentadores. E gente, até, de alta projeção social. E' certo que êste «espiritismo» desenvolve *médiuns* com maior brevidade. E' certo que muitos casos aí— ao menos, na aparência — se resolvem com mais presteza. Tudo isto é verdade, como verdadeiras são as comunicações dos *pais João*, dos *caboclos tupinambás* que aí baixam... ou sobem.

Vamos, porém, à análise dos factos.

As sessões de tal «espiritismo» são mais frequentadas por seu aspecto fenomenológico e interesseiro. Quem corre a elas, não leva nenhum desejo de aprender. Vai assistir fenômenos, mais ou menos espetaculares. Sinão, guiado por um interesse pessoal, qualquer. Fenômenos espetaculares, enfeitados a *pontos cantados*, a *dansas ritualistas*, a *pitos* e *golos de ma-*

rafa, a *cenar esquisitas*. Sabemos de illustre advogado e escritor que, numa reunião dessas, tem que ficar de quatro e dar três marradas com a cabeça no solo para receber seu *caboclo* e dar suas comunicações. A par disso, todos levam para a sessão um pedido qualquer, casos a resolver, situações a explicar, coisas de seu interesse ou do interesse de amidades suas.

Às sessões kardecistas só se vai para estudar e aprender, na consciência de que é o conhecimento que nos torna melhores, mais felizes.

Dada a condição de inferioridade de nosso planeta, os médiuns aí se desenvolvem mais depressa, visto como é mais fácil um *pai jacó qualquer*, um *caboclo tibi-riçá* encontrar ambiente próprio, do que um Francisco de Assis, do que um Cairbar Schutel. Não se trata aquí de pontos teóricos de Doutrina, mas de leis naturais: «o semelhante atrai o semelhante». Que êsses médiuns aí desenvolvidos sejam médicos, advogados, militares, altos negociantes, funcionários públicos, não importa, que não se aquilata do desenvolvimento espiritual e moral da criatura por sua posição social...

Os casos difíceis que aí se resolvem, também se resolvem, e com proveito maior, nas sessões kardecistas. No kardecismo, doutrina-se o obsessor e instrue-se sua vítima, afim de que aquêle não volte a novas obsessões e sua vítima aprenda a livrar-se de novos ataques. No «espiritismo de terreiro», é a «polícia de choque da Espiritualidade» que age violentamente, afastando o obsessor e o conser-

vando preso. A vítima, para livrar-se de novos ataques, tem que se transformar em *cambono* e viver escravo áquelas práticas primitivíssimas. Deixando-as, fica desgarrada da «polícia de choque», entregue à vingança do obsessivo, que voltará, naturalmente, trazendo mais sete espíritos imundos consigo, como se vê no Evangelho. Assim, mais por medo do que por qualquer sentimento nobre, tem que correr para as reuniões. No kardecismo, doutrinado o obsessivo e instruído o obsidiado, por si mesmo este saberá se desvencilhar das futuras emboscadas, sem precisar cantar pontos, sapatear mirabolantemente, beber marafa e pitar cachimbos.

O kardecismo age como homeopatia: reeduca o órgão para a função.

O terreirismo, como a terapêutica violenta das injeções: força o órgão ao exercício do dever funcional. Enquanto persiste a ação violenta da injeção, ha cura aparente. Mas, depois...

2—) Aspectos de um Relatório

Nós também o lemos.

E não podemos deixar de ser solidário com o irmão arrastado, nele, pela *rua da amargura* da falta de espírito cristão, tolerância e reconhecimentos...

Não nos interessaram o estilo absoluto, os termos arcaicos da peça, de que, aliás, tanto gosta o atacado.

O que nos encheu, nele, de piedade e tristeza, foi a sua crueza, a sua impiedade.

Estamos em que uma sociedade profana, de homens medianamente educados nas normas cristãs de nossa civilização, não se conduziria assim.

Claro que lá não aparece o nome do alvejado.

Nem precisa, para quem, mesmo à distância e afastado, acompanha o que ali se passa: suas *tricas* e *futricas*.

Para estes — e nós somos um deles — lá está, inteirinho, o inquisitoriado. São para eles as carapuças feitas de pregos ponteados e estiletos às bordas, a fim de bem ferir, inquisitorialmente, a alma.

Por maiores que fossem suas faltas, por mais graves que se apresentassem suas impertinências, por mais sérios que seus erros se registrassem, seu grande passado de 40 anos à frente daquela casa, na sua tribuna e na sua revista, no seu receituário e nas suas edições, deveriam

valer alguma coisa para um pouco mais de tolerância da parte dos companheiros da véspera, a partir mesmo daquele que fôra por ele apresentado para ocupar o cargo que, por direito, lhe cabia.

Agora, no inverno da vida, na época mesma em que seu espírito devia contar com a amizade e a tolerância dos companheiros; agora, que devia ser visto e tratado como um velho parente e amigo, a contar com a indulgência dos amigos e parentes, é que lhe espicaçam a alma com verrinas e picuinhas. E num documento menos próprio para tanto.

Que lhe dissessem mais e pior pela palavra falada.

Que escrevessem mais e pior, citando-lhe, até, o nome, em jornais.

Mas, servir-se de um documento oficial, um relatório, para aquilo!

Coisa da época de confusão em que vivemos! Coisas de quem, em função da responsabilidade que tem, devia vigiar e orar mais para cair menos em tentação.

Levamos ao insolitamente alvejado esta demonstração de solidariedade cristã, pelo muito que lhe devemos, a despeito de nem sempre concordarmos com os seus pontos de vista, dentro da Doutrina. E por preferirmos estar sempre com o mais fraco, ou que supomos mais fraco.

Uma coisa, porém, deve desvanecer a M. Quintão.

Ele será o mesmo M. Quintão, embora sem sua tribuna querida e sua revista doutrinária; sem seu posto mediúnico e seus livros para traduzir e revisar.

Ha, entretanto, criaturas que só mesmo à sombra de alguma instituição, ou por força de um cargo qualquer, podem se projetar.

Muitas, nem mesmo assim.

M. Quintão valerá por si mesmo.

Nem por ser provocada por outrem, esta prova de solidariedade chega tarde.

E vale por um dever de consciência, por uma prova de reconhecimento, pelo convite que, ha 34 anos, dêle recebemos para o Espiritismo.

E tem, ainda, a acreditá-la o facto de nem sempre estarmos de acordo em alguns pontos, no serviço da difusão da Doutrina.

Dá a entender, por último, o célebre relatório, que ele paga o que fez ao Cirne.

Alguém ha de pagar pelo que, hoje, se lhe faz.

Será a lei da reparação de culpas, que se ha de cumprir...

3—) *Direitos autorais de obras psicografadas.*

E' do deputado Jorge Amado o artigo sôbre os direitos autorais de obras psicografadas.

E o juiz Teles Neto apresenta soluções jurídicas para o caso, opinando que é lícito se paguem direitos autorais a obras mediúnicas.

O caso Familia Humberto de Campos *versus* livros psicografados pelo Chico Xavier já pôs, até em dificuldades tribunais e juristas do país.

E nada se pôde resolver, a bem da justiça oficial.

No caso de Humberto de Campos, uma coisa ficou, para nós, digna de estudo: o autor, ainda encarnado, e feito o Conselheiro XX, escrevia galanterias e futilidades que toda gente aceitava e lia com prazer. Na espiritualidade, rebaixado de *Conselheiro* a *Irmão X*, com perda de um X, escreve paginas admiráveis e ensinamentos profundos em que não se acredita, que não se lê como se devia...

Não cremos que o Congresso Nacional se preocupe com o artigo proposto por Jorge Amado, que, aliás, se orgulhà de ser *orixá* de um terreiro da Bahia. Nem, tampouco, que o Legislativo delibere tão cedo sôbre coisas tais. O país anda tão cheio de influência clerical e a Igreja está mandando tanto!...

E porque direitos autorais às obras psicografadas?

Entre povos estrangeiros, que fazem da mediunidade uma profissão, estaria certo.

Entre nós, não.

Se os espíritas do Brasil vão dando de graça o que de graça recebem e até o que não recebem de graça, porque os Espíritos haveriam de exigir tais direitos?

Só por incoerência e pela lógica do absurdo.

Parece-nos que o certo seria que as casas editoras de tais obras se tomem do senso cristão de suas responsabilidades e, *sponte sua*, passem a distribuir tais «direitos autorais» com obras de assistência social; passem a empregá-los em tudo que possa beneficiar o próximo e contribuir para maior desenvolvimento da Doutrina.

Aliás, a *Livraria Allan Kardec Editora*, de S. Paulo, já deu o exemplo, edi-

tando obras cujo apurado tem beneficiado a Instituição de Poá, e outras instituições, de que podemos dar provas.

4—) *Ubanda de Jesus*

«Que miseria! Escreva algo...»

Foi assim que receberamos um recorte de jornal com o extrato do registro do centro espírita *Ubanda de Jesus*.

Poderá ser de Jesus a pratica e ritual, a doutrina e programa que excluem, exatamente, a Doutrina de Jesus?

O Ubandismo, como querem e escrevem estudiosos seus, remonta a seculos antes do Cristo. E permanece, conservando o mesmo caracter primitivissimo de sua origem. Sua orientação assenta no que dizem os espíritos que aí se manifestam, de caboclos e pretos velhos. Nada, em suas sessões, de Evangelho do Cristo, da Codificação de Kardec.

Como, assim, compreender uma *Ubanda de Jesus*?

Nas suas reuniões manifestam-se, também, espíritos.

Mas, a manifestação de espíritos remonta de muitos séculos ao Cristo e ao Espiritismo.

Alem do mais, a manifestação 'aí de espíritos, se processa, ainda hoje, como nos tempos de sua origem.

Nada de evolução! Nada de mudança!

Coisas, pôde-se dizer, de *joão-de-barro e de castor*, que fazem, hoje, suas casas como faziam assim que apareceram.

E o Espiritismo é evolutivo no tempo e no espaço.

Assim, aquilo é mediunismo.

E mediunismo, por si só, que sempre existiu antes que existissem o Cristo e Allan Kardec, nada tem com o Espiritismo.

Logo, *Ubanda de Jesus* não se explica em boa lógica e sã razão.

CORRIGENDA

No artigo «Os Milagres» do Padre Antonio à Luz do Espiritismo, publicado na edição de Dezembro último, desta revista e da autoria do nosso distinto colaborador Prof. Leopoldo Machado, saiu um erro de revisão, que nos apressamos em corrigir: na terceira linha da 2.^a coluna página 254, em vez de *Uma reação do Espiritismo, forte*, etc. leia-se: *Uma reação do Espiritualismo, forte*, etc.

☉ Fenômenos de Materialização ☉

XII

Dia 11 de Março, terça-feira. Os trabalhos do «André Luiz» se realizaram normalmente, com os altos objetivos da cura dos enfermos. Não se pensava, nesta reunião, em fenômenos de materialização, visto que os mesmos haviam sido suspensos temporariamente, conforme ficou descrito na crônica anterior. E como o médium de materialização já havia assistido a outras reuniões sem que a sua presença fizesse produzir senão fenômenos de efeitos físicos de somenos importância, como soem ser os de pancadas, ruídos e arremêso de pedras, longe estava o nosso pensamento da possibilidade da produção de fenômenos transcendentes. Mas os nossos guias espirituais, que melhor de que nós sabem o que convém fazer resolveram mimosear-nos esta noite com novas bençãos, tão saudosos já nos achavamos possuídos das emoções com que êles nos acostumaram em várias oportunidades. A nossa preocupação única estava, pois, fixa no dever de auxiliarmos os nossos irmãos sofredores, com as nossas preces ou intercessões, durante as quais os nossos amigos do Além, procedem ao paciente e benéfico trabalho da transmutação celular. O Ferreira dirigiu a sessão, fazendo a prece inicial, depois de cantado o hino «Obreiros de Jesus» finda a qual pede seja feita profunda concentração para que se pudesse ouvir a voz do Alto, por intermédio do médium Lins. A esperada orientação não tardou. O espírito amigo de Arací dá-nos oportunos conselhos e orienta-nos acêrca do andamento dos trabalhos, recomendando que ficasse o doente João, na sala contígua, onde seria beneficiado e colocassem, junto à cabine os demais enfermos: a Emilia, D. Euridice Ferreira, o Mesculin Junior, D. Noca e a Maria da Gloria, êstes três vindos de Juiz de Fôra, para serem beneficiados nesta sessão, orientando que nesta noite nenhum dos companheiros sairia do recinto para fazer ambiente na casa de Antonio Dalton, como sucedera na reunião anterior, visto que êsse enfêrmo seria assim mesmo beneficiado, já que os assistentes precisavam conservar-se ali, dado que o seu número era hoje reduzido, o qual se compunha de

treze pessoas, recomendando que mandássemos o médium recolher-se á cabine. Quando o Ferreira, depois de passado o transe do médium, disse a êste que a ordem era de que fosse trabalhar, já que é médium inconciente, êste arregalou os olhos de surpresa, pois nem êle mesmo esperava por alta medida, para nós agradabilissima. Feitos os preparativos indispensáveis para a boa ordem dos trabalhos, de acôrdo com as disposições do guia, a reunião prossegue no seu curso normal, estabelecendo-se a ambiência para o melhor rendimento possível dos trabalhos, com o se fazerem sentidas preces, se cantarem suaves hinos e se comentarem várias passagens evangélicas. Quando chegou a vez de eu me desincumbir do dever da prece, que fiz de pé e com todo o sentimento e vibração de que fui capaz, aparece uma entidade espiritual materializada, vinda do lado esquerdo da câmara e se quedando estática, no centro da assistência, braços cruzados, vestes purpurinas, à maneira hindú. Terminada a minha rogativa, o espírito recomenda que sejam fechadas as janelas que dão para a rua pelas quais entrava profusa claridade. Todos os assistentes apreciaram nitidamente a bondosa entidade, que logo identificaram pelo espírito de João de Deus. O seu traje era oriental, tendo uma espécie de turbante na cabeça. Sua tez era moreno-escuro e ostentava negras barbas irsutas. Percebemos que se tratava da entidade que se deixara fotografar anteriormente. O querido amigo do Além dirige-se então para a sala onde se encontrava o portador, dentre os doentes presentes, da moléstia mais grave: o cancer. E o fez seguindo o Vicente que se tinha encarregado de fechar as janelas, fazendo-lhe um sinal com a mão para que parasse, por cima da porta de molas, depois de cumprir a sua tarefa, afim de que êste não perturbasse o espírito no exercício do seu elevado ministério. A entidade materializada faz um passe longo no doente, voltando ao recinto para ministrar passes em D. Euridice, na Emilia, na D. Noca, na Maria da Glória e no Mesculin, regressando à cabine e voltando em seguida para se di-

rigir outra vez à sala onde se encontrava o snr. João, para assisti-lo, voltando ao recinto para aplicar novos passes aos doentes já mencionados, retirando-se definitivamente depois de fazer uma saudação aos assistentes. O recolhimento espiritual estabelecera-se no ambiente, firmado por pensamentos sadios de puro amor espiritual e pela contínua adoção alternada de súplicas, hinos e preleções ligeiras sobre assuntos palpitantes do Novo Testamento. Outra entidade, materializada, vem à assistência, a qual é identificada. Era a querida Scheila, tão dedicada aos nossos trabalhos e, sobretudo, tão amiga da Juventude. Ela se apresentava num corpo de menina-moça com suas lindas e louras tranças, trajando um vestidinho simples, de meia manga e saia curta, por cima dos joelhos, vestindo ainda um simples «bolero» espécie de casaco atado por um cordão, cujas extremidades tinham umas bolas interessantes. Passando entre a assistência dirige-se à Madalena, tocando-a carinhosamente, aí permanecendo cerca de dois minutos, depois do que se dirige à sala vizinha para ministrar passes no irmão João. Na volta, pára junto às irmãs Noca e Maria da Gloria, aplicando-lhes passes longitudinais, recolhendo-se à cabine para não aparecer mais nesta noite. Nesse instante eu estava estranhando o facto do José Grosso ainda não ter dado o ar de sua graça. E mal projetava este pensamento, junto ao vão da cabine, surge um vulto de elevada estatura, ultrapassando a altura do biombo de madeira, o qual deve ter dois metros aproximadamente. Eu anuncio a sua presença e êle dá estridente gargalhada, a glosar o meu pensamento a seu respeito, pois que êle o lera perfeitamente. Deleita-nos com o seu soaquete original e chama, à cabine, o nosso confrade Mesculin. Êste, em lá chegando, ficou admirado ao ver aquêlê aparente gigante, o qual lhe dera leves pancadas nos ombros e na cabeça. O «Lulú», que tem também uma altura respeitável, teve necessidade de olhar para cima para en-

carar a bondosa personagem do Além. Já na assistência, o confrade juizdeforano pergunta ao José se aquela estatura era realmente a sua ou se êle subira em cima de algum movel. Êle afirmou dar-se a primeira hipótese. E nós, que já assitiramos anteriormente à sua materialização, no centro da assistência, não tínhamos nenhuma dúvida disso. Dentro da cabine ainda se fizeram rumores e se ouviu o barulho do interruptor a acender e apagar a lâmpada do cômodo que fica ao fundo da cabine, onde se ouviu o espatifar de um copo. Tendo a D. Margarida arriscado a idéia de que fôra o José que quebrara o copo, êste respondeu: «Não fui eu, não! Então todo o mal feito, sou eu quem faz?!» Achamos graça na propriedade da defeza do solícito colaborador dos nossos trabalhos! O Ferreira, pergunta à minha filha Dulce e à minha sobrinha Dulce de Fátima, quais as suas frases evangélicas do dia, ao que responderam, respectivamente: «Amai-vos uns aos outros» e «Eu sou o caminho, a verdade e a vida». E logo uma voz possante se alça no ambiente para, pela palavra direta, discorrer sobre essas duas passagens evangélicas, produzindo uma palestra cheia de luminosos conceitos e brilhantes ilustrações. Era o patrono do Grupo, o querido espírito de «André Luiz», que assim nos vinha confortar com o dar-nos excelentes conselhos e profundos esclarecimentos, avisando-nos por fim que enquanto êle nos falava, Araci havia feito as prescrições, e por escrita direta nas listas que se achavam sobre a mesa dos trabalhos, aconselhando a cada doente o que havia mister, facto que foi constatado. Logo após se nos dirige outra vez o José Grosso para nos avisar de que deveríamos encerrar os trabalhos. O Ferreira faz a prece terminal depois do que vai despertar o médium. E assim termina mais uma reunião fecunda em graças, emoções e alegrias espirituais.

Amadeu Santos.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

No Bazar dos Tecelões



AZENDO a memória recuar no espaço ao tempo das pregações do Cristianismo primitivo, ela foi ter ao Bazar humilde de um modesto casal de tecelões. E aí, nessa tenda, que passaria à História, como um dos primeiros santuários onde, realmente, de facto, o Cristo encontrou, na exaltação de almas simples, mas sinceras, o seu verdadeiro altar, o seu verdadeiro templo.

A um dêsses humildes bazares foi parar, certa vez, um culto intelectual judeu, natural de Alexandria, chamado Apolo, homem eloquente e muito versado nas Escrituras. Aí encontrou Apolo um simples casal de operários tecelões, Aquila, natural do Ponto, chegado da Itália e Priscila, sua mulher, os quais haviam sido mandados sair de Roma, pelo Imperador Cláudio, por que eram judeus.

A êsse bazar ía Apolo todos os dias, e aí, por entre tapetes de côres variadas e novelos escuros de pêlo caprino, o primitivo tear, acionada velozmente a laçadeira por Aquila, aquele homem invulgar, pudera beber em fonte pura os ensinamentos evangélicos, através daqueles simples operários, os quais os haviam aurido dos lábios de Paulo. Horas e horas, êles assim passavam, encantados e embevecidos nas maravilhosas exortações acêrca da figura do Divino Mestre, lendo e relendo as velhas e já surradas anotações dos Evangelhos, escritas em papiros ou impressas em couro de cabrito.

Apolo era instruído no caminho do Senhor, e falava com fervor de espírito, ensinando com diligência o que pertencia a Jesus, mas só conhecia o batismo de João!

Priscila e Aquila, ouvindo o falar, a êle se ligaram por laços de sincera estima e lhe declararam mais particularmente o Caminho do Senhor. Desejando êle ir à Achaia, os irmãos a isso o animaram, escrevendo aos discípulos que os recebessem. Tendo Apolo alí chegado, foi de muito proveito para aqueles que haviam crido, porque com grande veemência convencia publicamente aos judeus, mostrando-lhes que Jesus era o Cristo.

Nem agora e talvez nunca mais, através dos tempos decorridos, foi o Cristianismo tão puro, tão belo, tão atraente, como naqueles primeiros dias, quando os discípulos de Jesus, verdadeiramente convertidos à sua doutrina, a ponto de aceitarem, sorrindo, o sacrifício da morte, puderam, com toda a sua singeleza converter até intelectuais às verdades cristãs. Humildes operários tecelões, transformaram-se em abnegados apóstolos e falando uma linguagem transbordante de fé, souberam fazer jorrar de seus lábios, verdadeiras torrentes de luz, quais maravilhosas fontes de *água-viva*!

Passados tantos séculos, e quando vemos os cristãos modernos fortemente interessados em fundar academias e faculdades, no desejo muito louvável e sincero, ahiás, de melhorar o indice cultural dos espíritos, ficamos a raciocinar, colocando em equação, através destas desprentenciosas considerações, quanto seria mais exaltado o Cristo—si quando lembrado nas humildes tendas dos tecelões, nas furnas, nas cavernas e catacumbas abandonadas, sempre sob a constante ameaça dos esbirros de Cesar, ou quando comentando nos recintos fechados e iluminados à luz elétrica das agremiações hodiernas...

Fazendo êsse ligeiro confronto, vemos quão distanciados estamos daqueles primitivos tempos, onde à singeleza e a humildade dos propagandistas das verdades evangélicas, vinham se casar a rudeza dos ambientes, destituídos de aparatos ou encenação!

Eram almas simples, humildes pescadores, operários tecelões; nenhum *mestre* ou *professor*, mas havia em todos eles, sinceridade e extremado amor pelo seu Cristo-Jesus, a quem serviam até o sacrifício da própria vida nos circos romanos, atirados que eram aos dentes das fêras famintas, entoando hosanas ao Pai!

• • •

Mas, graças a êsse mesmo Pai, nem tudo está perdido. No intuito muito louvável de volver ao Passado, estamos assistindo o esfôrço que se vem fazendo no sentido de fazer que, de

facto, o Espiritismo, ou seja a 3.ª Revelação dada aos homens pelos Espíritos do Senhor, venha interpretar e incarnar o Consolador prometido por Jesus, nas luzes do Cristianismo redivivo.

Queremos nos referir ao movimento das Semanas Espíritas Organizadas.

Estamos assistindo o esforço sincero e entusiasta de alguns abnegados irmãos no sentido de dar ao Espiritismo uma nova modalidade de difusão doutrinária, mais consentâneo com o espírito da época, ou seja um sentido mais elevado da sua verdadeira finalidade, através das visitas de confraternização, dos Congressos, etc.

Não se poderia compreender, mesmo, como seria possível atingir o objetivo preceituado no: — *Amai-vos*, ficando cada espírita isolado dentro das quatro paredes do seu centro.

Ninguém em sã consciência poderá manifestar-se contrário a essa nova modalidade do Espiritismo.

A própria índole do Espiritismo estava a exigir um movimento assim, com essa característica social cristã, considerando, ainda mais, ter o seu Codificador afirmado alhures que do Espiritismo «se havia dito a primeira palavra, mas que a última jamais seria dita!»

Doutrina evolutiva, por excelência, que «se modificaria em qualquer dos seus postulados, para aceitar uma nova descoberta, comprovadamente reconhecida», não podia ficar acorrentada a velhas práticas e velhos hábitos.

Imperava no meio espírita uma verdadeira ogeriza por tudo que resultasse em alteração ou modificação do Espiritismo soturno, unicamente de consulta, receituário e manifestação, cem por cento tristeza, herdado dos nossos antepassados. Muitos achavam que no Espiritismo não havia lugar para a alegria cristã, nem para o jovem, nem para a criança. Enquanto êles saíam para os trabalhos nos Centros, as crianças iam às *matmées* dos cinemas, os rapazes e moças iam às praças de esportes e as senhoras aos chás elegantes, das cinco horas ou *footings* das grandes avenidas!...

Hoje, não; podemos até fechar os nossos casas e levar conosco aos Centros os nossos filhos, crianças, jovens, a esposa e até a empregada, filha adotiva. etc... porque em lá chegando, todos se sentirão bem a vontade: As crianças encontrarão sempre

atrativos nas aulas de moral; os jovens, no convívio de amigos sinceros, jovens como êles, sentirão grande alegria no lembrar, em conjunto, as lições do Divino Mestre; as senhoras, nos departamentos de assistência aos necessitados, acharão o seu melhor e mais agradável «passa-tempo»; os homens, com o seu espírito, assim tranquilizado, por verem os seus entes queridos perlustrando o mesmo caminho, produzirão o dobro na Seára do Mestre!

O Canto, a Música, o Teatro Espírita, adredemente preparados e selecionados, enfim, a Arte, nas suas variadas manifestações, estão fadados a prestar um grande coeficiente de progresso para a vitória final do Moderno Espiritualismo.

E a julgar pelo entusiasmo que essa nova modalidade de Espiritismo vem empolgando o meio espírita brasileiro, teremos, dentro em breve, o ambiente espírita completamente modificado para melhor.

Só mesmo quem ainda não teve a oportunidade feliz de tomar parte num dêsses conclaves, desconhece os efeitos maravilhosos da fluidificação do ambiente que os nossos irmãos desencarnados fazem que todos desfrutem e gosem! Ha instantes em que temos a impressão de não mais pertencermos a um mundo tão inferior quanto o é a terra!...

No Espaço, impera entre os desencarnados um verdadeiro movimento de intensa alegria que, aqueles que impropriamente denominamos *mortos*, vêm, aliás, procurando traduzir por palavras, a sua alegria, incorporando os *médiuns*, compartilhar com os que, também, impropriamente chamamos *vivos*!...

Emanuel, André Luiz, José Petitinga, Casemiro Cunha, Fidelinho, além de outros estão sempre presentes à estas reuniões. Assim, aconteceu em Macaé, em Astolfo Dutra e ha de continuar, porque os *vivos*, de facto, já verificaram que os *mortos* na carne, vão procurando viver na terra, na observância dos ensinamentos deixados por Jesus, o nosso Divino Mestre e Senhor.

Ademais, foi o próprio Jesus quem afirmou: «Onde se acham dois ou três congregados em meu nome, aí estou eu no meio dêles» (Mat. XVIII-18/20).

Claro que não temos a pretensão de julgar o próprio Cristo em pessoa no nosso meio, todavia, fica-nos a certeza, já agora comprovada, de contarmos com a

presença dos seus prepostos e mensageiros de bôa vontade! Só isso prova que, os impropriamente chamados *vivos*, estão sendo sempre e cada vez mais conduzidos pelos impropriamente chamados *mortos*, e mais que êste movimento de *Espiritismo confraternativo—social cristão*, através dos Congressos, Visitas, Semanas, etc., tem a aprovação do Alto.

Aprovamos, inteiramente, todo programa que tenha por objetivo o maior intercâmbio, seja cultural ou confraternativo, entre os espíritas, e com êste propósito, temos dado, sempre que se apresenta a oportunidade, todo o nosso apoio e solidariedade a êsses movimentos, não só tomando parte ativa em alguns, como a iniciativa e realização de outros.

E como os espíritas são, sem favor nenhum, os crentes da terra que, de algum modo, estão fazendo algo em prol do império da Fraternidade em nosso mundo, devemos, pois, trabalhar com afinco e sinceridade, para que a solidariedade cristã seja o apanágio de todas as almas já iluminadas pela luz do Cristo.

Somos, inegavelmente os que já se esforçam para seguir as pégadas do Divino Mestre, por exemplos e obras, praticando a sua doutrina de amor e perdão. Sejamos, pois, o *sal da terra*, na feliz expressão de Jesus, e tudo o mais nós receberemos de acréscimo!

J. B. Chagas.

Nova Iguassú, Julho de 1947.

A OBRA DE GELEY



Ismael G. Braga

— V —

No capítulo sétimo, Geley entra a estudar o subconsciente e diz:

«O que há de mais importante no psiquismo individual, é subconsciente. O fundo mesmo do eu e suas características, são subconscientes. Todas as capacidades inatas são subconscientes, e o mesmo quanto ás faculdades superiores, a intuição, o talento, o gênio, a inspiração artística ou criadora. Estas faculdades são criptoides em sua origem e criptoides em suas manifestações, das quais todo o mecanismo escapa, em sua maior parte, à vontade, à direção normal e regular do sêr, e só se revela pela aparição, à margem da regulamentação consciente, dos produtos intermitentes e de aparência espontânea.

«Esta atividade psíquica subconsciente, formidável em si mesma, está unida a uma memória ainda mais formidável: memória poderosa e infalível que deixa muito longe a pobre memória consciente, tão caduca, tão débil e limitada.

«Ao lado do subconsciente, o consciente só apparece como um psiquismo restrito, limitado e truncado; e ainda êste psiquismo está submetido, para suas próprias manifestações mais importantes a

essa porção criptoide do «eu» que forma sua característica e seu fundo».

Em linguagem espírita, diríamos que o subconsciente representa a soma total das aquisições realizadas pelo Espírito em suas experiências através de milênios, enquanto o consciente é apenas parte das aquisições dos poucos anos de uma encarnação. Sómente parte, porque outra parte, mesmo nesta encarnação, já ficou esquecida e foi incorporada ao subconsciente. O Espírito nada perde através de suas múltiplas encarnações, nem de seus longos períodos de vida na erraticidade; tudo fica acunulado no subconsciente, portanto os depósitos no subconsciente são milhões de vezes maiores do que a minúscula parte que conservamos, na memória, das experiências da atual encarnação. Logo, supormos que nos conhecemos por esta pequeníssima parte da memória consciente, seria tão enganoso como supormos que conhecemos toda a história da humanidade pela leitura de notícias nos jornais de um dia.

A memória consciente pertence à matéria, ao nosso cérebro atual,

mas o subconsciente pertence ao Espírito eterno e se manifesta em forma de tendências, pendores, faculdades, talento, qualidades moraes e intellectuais.

A psicologia clássica não pode responder ás seguintes perguntas:

«Como uma parte da actividade mental escapa à intenção do indivíduo ou não lhe é accessível senão irregularmente e por acidente?»

«Como essa actividade mental involuntária e latente é superior à actividade mental voluntária e consciente?»

«Como todas as capacidades superiores, não sómente as faculdades supra-normais, mas também a inspiração creadora, o gênio e tudo o que há de essencial no intellecto sob o ponto de vista psíquico são inacessíveis a êsse mesmo intellecto e na sua maior parte lhe são desconhecidas?»

«Porque, em uma palavra tais faculdades são subconscientes e não conscientes?»

Para a ciência clássica, o desenvolvimento do cérebro é paralelo ao desenvolvimento do corpo físico desde a infância até a madureza; mas, interroga-nos Geley: «*E nos casos de precocidade tão conhecidos principalmente nos artistas? E nas manifestações prematuras do gênio, do talento, da inspiração que não foram herdados nem adquiridos, porque são inatos?*»

De raciocínio em raciocínio, sempre diante de factos, vai chegar o nosso autor à seguinte conclusão contra a ciência clássica: «*Não ha paralelismo psico-fisiológico entre a aparição das manifestações do subconsciente e o desenvolvimento individual dos centros nervosos*».

Continúa estudando os ensinios da ciência materialista e analisa a seguinte doutrina: «*A actividade psi-*

quica é estreitamente condicionada pela extensão das capacidades orgânicas das quais é estritamente inseparável. Os elementos de que utiliza a intelligência lhe vêm dos sentidos. O alcance dos sentidos limita também o alcance do psiquismo.»

A isso comentá Geley: «*Tantas palavras quantos êrros, no que concerne ao subconsciente*».

«A origem das capacidades subconscientes, não é sensorial: estas capacidades são inatas. O alcance das capacidades subconscientes rebaixa o nível das capacidades sensoriais.

«A inspiração superior, a intuição, o gênio, são independentes, totalmente independentes das aquisições».

E' evidente que se refere às aquisições atuais do Espírito encarnado, porque tudo o que o Espírito possui foi adquirido por êle através das idades. O gênio é o Espírito que já fez grandes aquisições e hoje ocupa lugar muito mais elevado do que o homem normal da Terra.

Não há paralelismo psíquico-fisiológico. «Os fenômenos de exteriorização, diz nos Geley, nos revelam um dínamo psiquismo separável do organismo».

E' tão incompreensível o homem estudado só do ponto de vista material, como seria incompreensível um motor eléctrico sem admitirmos a existência da energia eléctrica que o põe em movimento. O motor, sem a energia para a qual foi construído, é um cadáver. Poder-lhe-íamos fazer a «anatomia» minuciosa de todas as peças, examiná-las ao microscópio, decompor-lhes a substância, mas não formularíamos senão hipóteses erradas, se não admitíssemos a existência da electricidade. Igualmente o homem é incompreensível aos que negam a existência do Espírito.

Os acontecimentos, no vosso mundo, succedem-se sem lreguas, como consequencia lógica da grande transformação que se opera no sentido do império da fraternidade e da justiça entre os homens. Tais acontecimentos visam despertar a consciencia humana para a obtenção dos conhecimentos de tudo quanto diz respeito à alma. Enquanto isso, os factos espíritas se avolumam e a doutrina cresce, como alavanca propulsora do progresso espiritual e moral dos homens.

Como Jesus operou a cura de um Surdo-Mudo

«Deixando as cercanias de Tiro, veiu Jesus por Sidonia, ao mar da Galiléia, atravessando o território de Decápolis. Trouxeram-lhe um surdo-mudo e lhe pediram que impusesse as mãos nele. Jesus, fazendo-o sair do meio da multidão e levando-o para um lado, lhe pôs os dedos nos ouvidos e saliva na língua. E, levantando os olhos para o céu, suspirou e disse: *Eph pheta*, isto é: «abri-vos». Logo se abriram os ouvidos ao surdo-mudo e se lhe soltou a língua, entrando êle a falar distintamente. Jesus a todos recomendou que nada dissessem a ninguém; porém, quanto mais êle proibia, tanto mais divulgavam o que viam. E cada vez mais admirados diziam: Êle tudo tem feito; tem feito que os surdos ouçam e que os mudos falem».

Marcos, cap. VII, v. 31-37.

Segundo as revelações dos quatro Evangelistas, espíritos de grande elevação moral e de erudição profunda, incumbidos de nos instruir acerca das maravilhosas curas operadas por Jesus, sabe-se que os espíritos que se incarnaram, tomando parte na vida ativa do *Messias*, assumiram, na vida espiritual, o compromisso de cooperarem na missão do Cristo de Deus.

Dêsse modo, todos os enfêrmos que foram curados pelo Mestre, estavam cumprindo uma provação ao mesmo tempo que davam cumprimento ao compromisso assumido com a Justiça Divina.

O *Médium* de Deus previa tudo antes que os enfermos fossem conduzidos à sua presença, porque êle era, na verdade, o grande médico das almas e o divino juiz; por isso que tudo na vida da humanidade se acha submetido ao seu reto julgamento. O Cristo presidiu a elaboração dos elementos que serviam para a formação primordial do nosso planeta, do qual êle é o fundador e diretor, razão por que lhe foi outorgado todo o poder sôbre a terra.

Quanto aos atos e palavras que Jesus empregou para curar o *surdo-*

mudo, tiveram um duplo fim: atrair a atenção dos homens, que deveriam receber a grande lição, ao mesmo tempo que ensinava aos seus discípulos os meios que deveriam usar, quando houvessem de realizar as mesmas curas, que os homens impropriamente intitularam «*Milagres*».

O Nazareno para curar o surdo-mudo, não necessitava de lhe por os dedos nos ouvidos e nem tão pouco saliva na língua: *uma ordem mental de sua poderosa vontade seria o bastante para restituir-lhe as faculdades entorpecidas*.

Quanto mais elevado é o espírito, tanto mais conhece as leis que regem a fôrças magnéticas, por isso que Jesus sendo o mais puro espírito que descera à terra, manobrava com pleno conhecimento de causa na aplicação dos fluidos curadores do magnetismo.

Eis como os espíritos dos Evangelistas — Mateus, Marcos, Lucas e João narraram a cura do surdo-mudo.

«O magnetismo prova a possibilidade de tais factos. A surdez de nascença e, portanto, o mutismo que lhe é consequente, provém muitas vezes de uma relaxação do órgão respectivo e, às vezes, também, de uma obstrução.

A ação fluídica, exercendo-se sôbre o aparelho da audição, sôbre o tímpano, quando se ache distendido ou espessado, o contrai ou dilata, conforme o caso, dispersa os fluidos que se tenham acumulado ou prendido nos tecidos e restituem ao órgão a flexibilidade que perdera. E, assim, o surdo, logo que começa a ouvir, deixa de ser mudo».

Quando todos os sistemas de curar forem reunidos num só, aí teremos o grande arsenal, onde encontraremos os meios para combater e curar qualquer enfermidade.

Provém, esta verdade, dos grandes luminares da espiritualidade.

Spártaco Banal.

✧ Livros e Autores ✧

ISQUETES E CONTOS, de *Inácio Ferreira*, Uberaba.

Viemos para o Espiritismo a convite da literatura.

Aliás, depois de termos tentado a leitura do *Livro dos Espíritos*, do *Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Decorre daí o interêsse que temos pela boa literatura espírita — contos, teatro, romance — a serviço da propaganda e difusão do Espiritismo. Observamos que a propaganda da Doutrina pela boa literatura, cala mais e melhor em certos espíritos—do jovem e da mulher por exemplo—do que muitos livros de comunicações espíritas e de tiradas doutrinárias, apenas. Sentimos que a Doutrina Espírita e o Evangelho do Cristo através dos filtros das boas letras e dos sons sentimentais, penetra fundamente corações, falam profundamente a inteligências. É a arte pura a serviço das coisas do espírito.

Não podemos atinar, ainda, porque o Evangelho e o Espiritismo podem ser pregados pela palavra escrita e falada, pelo rádio e pela imprensa, sem poderem, igualmente, ser transmitidos pela poesia e pela música, pelo canto sentimental e pelo teatro.

Venha a literatura emprestar, também, a sugestão de seus recursos à propaganda do Espiritismo. Que o teatro e o canto, a poesia e o romance, o canto e a música tenham, também, a palavra na propaganda, que nenhuma doutrina possui maior campo de inspiração, filões mais copiosos a explorar do que o Espiritismo.

Três grandes desvanecimentos já podemos registrar: nosso foi o primeiro volume de contos espíritas—CONSCIÊNCIAS — que se editou. Nosso foi o primeiro volume—ILUMINAÇÃO—de poesias genuinamente espíritas que já se publicou. Nossos foram os primeiros volumes de teatro espiritualista conhecidos. Edições todas esgotadas, felizmente.

Que venham outros volumes e outros autores, com mais engenho e arte do que nós, explorar o campo ainda quasi inexplorado do Espiritismo, que não teve, ainda, valha a verdade, seu grande poe-

ta, seu grande contista, seu grande romancista, seu grande teatrólogo:

ISQUETES é o volume de teatro do dr. Inácio Ferreira.

O autor, depois de dar-nos grandes livros de medicina de observação, dá-nos, agora, livros de literatura de ficção.

ISQUETES é um grande volume bem impresso e bem ilustrado; edição da Gráfica, A FLAMA, de sua cidade, Uberaba. Livro de luxo, por isso mesmo caro. Êste, o seu maior pecado: O livro espírita deve ser barato; ao alcance de todas as bolsas, que a bolsa espírita é via de regra, desabastada. Mandou imprimir um volume caro, para presente; ao em vez de editar um livro modesto; em edição maior, para todas as bibliotecas e estantes espíritas. Nem à juventude espírita, a que é dedicado, talvez possa interessar, por seu preço elevado:

As peças do *Isquetes* ressentem-se das exigências da dramaturgia moderna que repelem preciosismos de linguagem, dialogação declamada, frases floreadas, no mesmo tempo que exige intensiva ação dramática, o que falta, também, ao volume.

Nem por isso deixa de ser um bello e grande esforço do homem de ciência, seu ilustre autor, a pród das letras teatrais.

* * *

CONTOS. Eis o outro volume também de Inácio Ferreira, edição da mesma Gráfica. Volume destinado também à Juventude Espírita, como o ISQUETES. E, como o ISQUETES, também muito bem impresso e ilustrado, posto em bela encadernação. Volume de 80 páginas, formato além do normal, constante de quatro peças, sómente: O ALEIJADINHO, Vale da Bemaventurança, PAI JOÃO e O Predestinado. Quatro contos que se lê com agrado, a recordar, talvez, os tempos da infância e da juventude, a cujas idades os contos se destinam, por sua estrutura educativa, por seus propósitos evangélicos e por suas lições espiritualistas. Cada conto vale bem uma aula de moral vivida, porque, ao lado das lições, repontam os exemplos; a par dos conceitos educativos, os factos ilustrados.

O conto é, depois do teatro, o gênero de literatura mais difícil.

Para Goethe o teatro é o gênero literário difícil por excelência.

Para Moupassant, o conto.

De modo que, para o triunfo integral em um e no outro gêneros, o escritor deve forrar-se de uns tantos requisitos literários que dificilmente se encontram no mesmo indivíduo.

Mas, ninguém atinge o mais sem passar, é claro, pelo menos.

Quem não conseguiu se alçar ao mais, embora haja ascendido do menos, que se contente com o médio.

Este, o nosso caso, como fazedor de teatro e de conto.

Esta, a situação, talvez, do autor de *Contos*.

ISQUETES e CONTOS, este mais do que aquê, porque menos puxado no preço, são volumes de excelente oportunidade para as festas do Natal.

E ha por aí tantas escolas espíritas e aulas de moral cristã, em centros espíritas carentes de brindes e prêmios de Natal para suas crianças.

CONTOS e ISQUETES são excelentes para isto.

Ficamos grato ao autor pelos volumes que nos couberam, enfeitados de generosa dedicatória.

Leopoldo Machado.

Livros para aparecerem apreciados aqui, devem ser enviados para Nova-Iguassú, E. do Rio, Caixa Postal, 6.

A Morte e a Alma

Segundo a concepção científica materialista e segundo ainda os gramáticos, a MORTE, é o fim da vida animal ou vegetal. Ato de morrer. Termo, fim. Destruição. Mas o Espiritismo nos diz, provando, ser a morte o início do verdadeiro viver, a vida daquilo que nos anima, aquilo que pensa, raciocina, ou melhor, a faculdade de pensar, raciocinar, que está em nós; aquilo que evolúe intelectual e espiritualmente falando: o espírito.

Considerando Lavoisier que diz: «Nada se perde, tudo se transforma», teoria já aceita pela própria ciência materialista, o Espiritismo afirma e já provou, não ser a morte o termo, o fim; a destruição. E', isto sim, transformação, metamorfose, a vida que continua sob outro aspecto, sentida e vivida sob outro prisma.

A ciência materialista não admitindo a existência da alma, unicamente por não a ter encontrado ainda na ponta do bisturi, está profundamente errada, laborando em erro por procurar a alma que é essência Divina, imaterial, buscando-a por processos materiais, manejando instrumentos também materiais.

Como é caduca a ciência huma-

na, tão velha é quanto velho é o mundo; como persiste em pesquisar o que não é matéria, usando processos materiais. E ela, a ciência, tanto já tem apanhado. Pasteur para a ciência de seu tempo, foi um louco; loucos foram Lavoisier criando a química moderna, tão atacada no começo, decapitado em 1794, teoria aceita de início por Scheele e Priestley; Galileu, ilustre matemático, físico e astrônomo italiano, também não foi compreendido pela ciência de então: «E pur, si mueve!» Giordano Bruno, o filósofo, incompreendido pela ciência, tido como louco, encontrou a morte em Roma, na fogueira da Santa Inquisição. Louco até hoje é considerado Kardec e os espíritas; louco foi Jesus Cristo, e, loucos são nos nossos dias, os que contrariam a ciência materialista.

A ciência humana, materialista, ainda não admite a existência da alma, a força da fé, o poder de Deus. Entretanto, aí está a alma, o espírito, para quem quiser ver, sentir e pegar, manejando, não instrumentos materiais, mas os do coração, da mente e os da razão. A fé não póde ser vista pelo nosso microscópio ou te-

lescópio, mas ela impera e atua fortemente até mesmo naqueles que não a admitem, usando dela inconscientemente. O poder de Deus em tudo se manifesta, e essa manifestação encontramos em tudo e em todos, em toda parte e a todo momento, pondo em atividade o 6.º sentido que a ciência ainda desconhece.

Como é falha, caduca e árida a ciência humana; como é pobre de saber, de percepção da verdade Divina.

Não sabemos de que maneira, usando quais processos, age a fé, mas a ciência, usando e aplicando o Raio X, não conhece ainda como o cloreto de bário torna visível os raios «gama». Muita coisa a ciência já é obrigada a aceitar não vendo e desconhecendo o processo de ação dessas mesmas coisas; assim também a

alma, o espírito, terá a ciência de aceitar e a encontrará, verá e sentirá em dias bem próximos, como aceitaram os muitos cientistas que a procuraram não com o bisturi, mas como deviam fazer.

Na Inglaterra e nos Estados Unidos, segundo as últimas notícias, já foi criado na Faculdade de Medicina, para estudo das coisas que dizem respeito a alma, a cadeira de metafísica.

E' o primeiro passo dado, e, usando os processos da mente e da razão, não os instrumentos materiais, a ciência encontrará a alma, não na ponta do bisturi, mas junto de nós mesmos; ela está tão junta de nós...

Juventus.

Rio Claro, S. Paulo.



O Juízo Final



Nosso estudo evangélico de hoje versará em torno da figura emblemática do juízo final, pintada por Jesus em cores indeléveis e reproduzida por Mateus no Capítulo XXV, versos 31 a 46, da seguinte maneira: «Quando o filho do homem vier na sua majestade acompanhado de todos os anjos, assentar-se-á no trôno da sua glória. E reunidas todas as gentes na sua presença, separará uns dos outros, como o pastor aparta dos cabritos as ovelhas. Porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda».

Falando a homens rudes e embrutecidos, como os do seu tempo, Jesus, para fazer-se compreender, teve de lançar mão de ensinamentos concretos e materiais, como êsse, muitas vezes tirando das crenças em voga e dos costumes da época o motivo das suas parábolas e alegorias. Entretanto, si levantarmos o véu intencionalmente lançado sobre êsses símbolos materiais, encontraremos a luz da espiritualidade que eles encerram. Jesus assim o fez porque, conquanto falasse à sua época, sabia que suas palavras deviam atravessar os tempos e chegar aos homens intelectualmente mais evolvidos, ca-

pazes de interpretá-las segundo o espírito que vivifica.

As palavras dos dois versículos que acabamos de citar, tomadas ao pé da letra deram lugar à crença de que há um dia determinado para o julgamento final de todas as criaturas, quando os mortos ressurgirão dos túmulos após retomarem a mesma carcassa que lhes serviu de vestimenta carnal, já desaparecida no banquete dos vermes. Sobre êste ponto não temos de voltar, uma vez que êle já foi objeto de estudo anterior, quando mostramos a impossibilidade de pô-los em concordância com a ciência atual. Queremos nos limitar agora a interpretar segundo o espírito o tema evangélico escolhido para esta tertúlia.

Hoje sabemos serem habitados todos os planetas que povoam a amplidão dos espaços celestes; sabemos que êsses planetas são de diferentes categorias: mundos primitivos, de expiação e de provas, como a Terra, de regeneração, mundos felizes, etc. São as diferentes moradas da casa do Pai, como dizia veladamente o Mestre. Êsses orbes não permanecem estacionários, mas evoluem, como tudo na criação, e passam das categorias mais in-

feriores para as mais elevadas. Pois bem! Perto está o tempo em que a Terra deve atingir o grau imediato na escala da sua evolução, passando a ser um planeta de regeneração, onde os espíritos nela incarnados devem retemperar suas energias e encontrar novas forças para continuar sua peregrinação através de novos corpos. Quando isso se der, os espíritos rebeldes que nela estiverem habitando e que constituem entraves ao progresso, serão alijados para um planeta inferior, de acôrdo com suas necessidades, onde ao lado das oportunidades para o seu próprio desenvolvimento possam também ajudar no progresso geral. Aqueles que souberem transformar seu coração num trôno para a glória do Senhor, participarão dos benefícios que o novo estágio planetário lhes proporcionará, como cooperadores da sua evolução. Nessa ocasião é que o filho do homem virá na sua majestade acompanhado de todos os anjos, isto é, em companhia dos bons espíritos que o ajudaram na implantação do seu reino neste mundo de expiação e de provas. E reunindo todas as gentes na sua presença, ou melhor, e convocando todos os espíritos diante de si, separará o joio do trigo, dando a cada um segundo as suas obras. E «porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda». Nas ovelhas estão simbolizados os espíritos obedientes à voz do Pai, que souberam amansar os impulsos da animalidade inferior, enquanto os cabritos retratam com profunda justeza os que preferiram cevar-se nos instintos grosseiros, rebeldes à voz da razão, que desprezaram as melhores oportunidades para o seu progresso pessoal.

A'queles dirá então o rei: «Vinde, benditos de meu pai, entrai na posse do reino que vos está preparado desde o princípio do mundo; — pois tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era forasteiro e me recolhastes; — estive nú e me vestistes, estive encarcerado e me fostes ver».

Êsse reino ou êsse lugar destinado aos eleitos, é a nova região a que fizeram jús, a nova morada que conquistaram graças ao diuturno labor, e que lhes está reservada desde que alcançaram as luzes da espiritualidade. Nenhum favoritismo há nisso, uma vez que toda criatura está destinada desde sua origem a chegar um dia a êsse bonançoso pôrto, dependendo de sua liberdade caminhar na reta

estrada que conduz a êle ou perder-se nos atalhos e demorar-se em meio da jornada. Com essas palavras Jesus nos apontou os problemas sociais do pauperismo, do desemprego, da mendicância... com que têriamos sempre de lutar e que mais agudos se tornam nos dias de hoje. Inteligência temos bastante para compreendê-los, e oportunidades não faltam para resolvê-los. No entanto, preferimos calcá-los aos pés e fazer tábua rasa dos mais elementares princípios de solidariedade humana. As guerras que por duas vezes levaram a destruição e a orfandade aos mais distantes lares da terra custaram-nos uma fortuna tão fabulosa que com ela cada família do mundo todo poderia ter a sua casa com todos os requisitos de confôrto. No entanto, continua insolúvel o problema da habitação, e milhares de pessoas vivem ao relento, sem teto que lhes abrigue. Rasgamos avenidas e cobrimo-las de asfalto, mas os forasteiros continuam sem albergue; construímos palácios e transformamô-los em jardins, mas os doentes continuam sem leito nos hospitais; importamos automoveis para o passeio do rico, mas não importamos trigo para a fome do pobre; fazemos garage para guardar o auto, mas não fazemos teto para proteger o desabrigado; damos dinheiro para se erguerem templos suntuosos, mas não o damos afim de que o povo tenha mais escola, mais educação, mais oportunidade de levar uma vida decente e digna.

A responsabilidade é de todos nós, não resta dúvida, mas é muito mais daqueles que atingiram os postos de comando, os cargos de direção, porque está escrito que muito será pedido a quem muito foi dado.

Os fracos, os pequeninos, os famintos, os doentes, os estropiados clamam aos poderosos em nome de Jesus, que personifica a tutela de todos êsses oprimidos. Em todo caso, é algo confortante ver que alguns filhos de boa vontade já puseram a mão na rabiça, dispostos a não olhar para trás. Êsses é que passarão à direita do julgador. E quando perguntarem: «Senhor, quando foi que te demos de beber? Quando foi que te vimos sem teto e te recolhemos, ou nú e te vestimos? Quando foi que te vimos enfêrmo, ou preso, e te fomos visitar?» — a êles é que o rei responderá: «Em verdade vos digo que, todas as vezes que o fizestes a

um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes». Com estas palavras, declarando-se irmão dos mais pequeninos, Jesus pretendeu eximir-se da divindade que sabia iriam lhe atribuir. Por outro modo, é como se dissesse: — eu sou um espírito criado pelo Pai, como vós outros; parti do mesmo ponto de origem — simples e ignorante, porém perfectível; estive sujeito ás mesmas contingências e vicissitudes, porém preferi não distrair-me em meio do caminho e tomei as sendas que conduzem à perfeição e ao saber. Portanto, sou um irmão vosso, pois provenho da mesma Fonte de Vida; apenas, sou um irmão mais velho e mais experiente, e por isso vos tenho sob a minha tutela.

Atribuindo-se o título de «rei» indicava veladamente a qualidade de protetor e governador do planeta, incumbência essa que recebeu ao presidir a criação do mesmo.

Jesus não disse que seríamos interrogados a respeito de nossa crença, de nossa fé, ou de qualquer outra particularidade de nossa vida, mas tão sómente seria levado em conta o amor que dispensamos aos nossos semelhantes. Está isso expresso com grande justeza no lema espírita: «Fóra da caridade não há salvação». Onde existe caridade existe amor, e onde existe amor não há egoísmo, êsse sentimento que tanto nos avilta, nos rebaixa e nos separa. O egoísmo é um dos últimos inimigos que temos de vencer e é o mais forte e poderoso porque se esconde nos mais íntimos recessos de nossa alma. Aos que o cultivaram e estiveram à esquerda do rei é que será dito: «Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que está preparado para o diabo e seus anjos; pois tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me des-

tes de beber; era forasteiro e não me recolhastes; estive nú e não me vististes; enfermo e preso e não me visitastes. Também êsses perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos faminto, com sede, forasteiro, nú, enfermo ou encarcerado e não te assistimos? Êle lhes responderá: Em verdade vos digo que, quantas vezes o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, tantas o deixastes de me fazer a mim. E irão êstes para o suplício eterno e os justos para a vida eterna.»

Estas palavras de Jesus «fogo eterno» e «suplício eterno» e «vida eterna» é que deram origem aos dogmas humanos de céu e inferno. Assim acontece sempre que nos apegamos demasiadamente à letra, sem penetrarmos o espírito que ela encerra.


Mandando que se apartassem para o fogo eterno, Jesus, urdindo essa parábola, quis apenas mostrar que os espíritos rebeldes, simbolizados nos cabritos e agora chamados de «diabo» e «anjos do diabo», seriam oportunamente rechassados para os mundos primitivos, para os mundos de prova, mas também de progresso, até que rescaldados pelo fogo dos sofrimentos inerentes a êsses lugares de tormento merecessem outras habitações compatíveis com seu novo estado. Dizendo que os justos iriam para a vida eterna, apontou-nos a perfeição que devíamos atingir para a vida normal espírita, livre das encarnações criadas pelos óbices das limitações da matéria. Êsses dois pontos ora em estudo é que criaram os dogmas da eternidade das penas e dos gozos celestes. A Terceira Revelação coube a ventura de interpretar êste bellissimo símbolo proposto pelo Mestre, separando da letra que mata o espírito que vivifica.

Elídio Taveiros.

Ao mesmo tempo que Deus creou, de toda a eternidade, mundos materiais, creou eternamente sêres espirituais; sem o que, os mundos materiais não teriam razão de existir. Conceberíamos melhor os sêres espirituais sem os mundos materiais do que êstes sem aqueles. São os mundos materiais que devem fornecer aos sêres espirituais elementos de atividade para o desenvolvimento da sua inteligência.

O progresso é a condição normal dos sêres espirituais, e a perfeição relativa é o fim a que eles devem atingir; ora, desde que Deus tenha creado, de toda eternidade, e cria incessantemente, também eternamente tem havido sêres que atingiram o ponto culminante da escala.

ALLAN KARDEC.



SEMANA SANTA

Nessa semana, que a igreja romana considera santa, comemora-se a paixão e a morte de Jesus Cristo.

Essa fúnebre solenidade da paixão, dos sofrimentos e da morte de Jesus Cristo ora se celebra em Março, ora em Abril.

Comemora-se sempre o seu nascimento no dia certo 25 de Dezembro, porém, a sua morte não é memorada em dia, semana e mês certos.

Por decreto do Concílio de Nicéia, reunido no ano 325, o dia da Páscoa, do qual dependem todas as demais festas móveis do ano eclesiástico, deve ser celebrado no domingo depois da primeira lua cheia da primavera.

E' considerada pela Igreja romana a maior solenidade do ano eclesiástico. E' muito estranhável e nada justifica essa resolução da Igreja naquêlê Concílio.

Na quinta-feira Jesus deveria ter realizado a última ceia pascal com os seus amados discípulos. E a Igreja ainda hoje comemora a solenidade da Páscoa, que o próprio Jesus, como judeu, celebrou e que não foi instituída absolutamente por Êle.

A Páscoa é uma antiga festa nacionalista dos judeus, em que celebravam a libertação de todo o seu povo do cativo egipcio, quando Moisés conseguiu a Permissão do Faraó para abandonar as terras do Egipto, emigrando do interior dêsse país em busca das Terras Sonhadas da Promissão.

A Páscoa é a festa da independência, da liberdade, da consolidação das instituições nacionalistas judaicas, da vitória espiritual da raça, alcançada por êsse povo sofredor e admirável e de ânimo forte, que é o povo judeu, que, de escravo no Egipto, passou a povo livre, tempos depois, nas terras sagradas da Palestina.

A Páscoa representa a passagem, quasi a pé enxuto, do Mar Vermelho, de todo o heróico povo judeu, conduzido pelo grande Moisés, quando emigrou do país onde vivia como escravo, perseguido, logo mais, pela poderosa cavalaria egipcia, que não o alcançou graças à maré enchente daquêlê Mar. Páscoa significa a passagem. A Igreja de Roma alterou esta grande solenidade caracteristicamente judaica, e incorporou-a às suas instituições humanas.

Nada tem a Páscoa de cristã.

Os espíritas não celebram a páscoa, porque não são judeus, nem consideram essa semana como santa, porque não são católicos. Não jejuam, comendo, apenas peixe. O jejum do espírita não é material, é espiritual. O peixe é um sêr que tem tanto direito à vida como o boi, a galinha, o perú, o carneiro e o porco.

Os dias desta semana são iguais aos da passada e aos da futura. Não queremos ter uma semana santa de comemorações materiais.

Desejamos santificar todos os dias do ano pela prática constante do bem, amando a Deus e ao próximo, tornando-nos sempre úteis aos nossos semelhantes, servindo-os e assistindo-os nas suas necessidades, com emoção e desinterêsse.

Todos os dias devem ser santos para o verdadeiro cristão.

Se o Cristo ressuscitou, se é Espírito e Vida, se está hoje, mais vivo do que nunca em nossos corações, porque comemorar a sua morte, o seu sacrifício infamante no madeiro, entre dois pecadores?

Se Êle foi grande na sua morte, foi maior na sua ressurreição e muito mais ainda na sua vida de pureza e de santidade, vida divina que todos devemos imitar.

Crônica Estrangeira

Talentos Precoces e Vidas Sucessivas

Pelo Coronel Faure da Rosa.

Pascal com 12 anos de idade, descobriu, sozinho, uma parte da Geometria descritiva!

Rembrandt ainda não sabia ler e já desenhava magistralmente. Mangiamelo, aos cinco anos fazia operações aritméticas mentalmente com uma rapidez tal, como hoje se fazem com as máquinas de calcular.

Tereza Milanollo, aos 4 anos tocava violino com tanta arte e superioridade, que Baillot — célebre violinista francês — dizia que «a rapariga devia ter sido tocadora de violino antes de nascer».

Jacques Chrichton — a quem o sábio filólogo e médico italiano Scaliger chamava um «génio monstruoso» — aos 15 anos discutia em latim, em grego, hebraico e árabe, fosse qual fosse o assunto que se lhe apresentasse. O alemão Henrique Heinecken começou a falar quase ao nascer: aos 2 anos sabia três línguas e aprendeu a escrever em poucos dias. Com 2 anos e meio fez exame de geografia e história, antiga e moderna. Alimentava-se unicamente com o leite da ama; como o tivessem desmamado, enfraqueceu de tal maneira que morreu em 27 de Junho de 1725 contando apenas 5 anos de idade.

O belga Van de Kerkhove morreu com 10 anos e 11 meses, deixando 350 quadros de mestre, dos quais alguns podiam ser assinados pelos melhores pintores.

O escossês William Hamilton, aos 3 anos estudava hebraico; aos 13 conhecia 12 línguas, e aos 18 o seu saber causava admiração áqueles que com êle privavam.

O italiano Trombetti, que ainda existia em 1920, era um poliglota prodigioso, mais surpreendente que o célebre cardeal Mezzofanti, o qual chegou a falar 70 línguas e dialetos.

Trombetti era filho de pais bologneses pobres, completamente ignorantes. Sózinho aprendeu instrução primária, francês e alemão, e, ao cabo de 2 meses, lia Voltaire e Goethe. O arabe aprendeu-o

êle unicamente lendo a história da vida de Abd-el-Kader — o célebre emir guerreiro árabe. Um persa de passagem por Bolonha, ensinou-lhe a sua língua em algumas semanas.

Aos 12 anos, Trombetti aprendeu sózinho e simultaneamente, latim, grego e hebraico. Depois, estudou quasi todas as línguas vivas e mortas. Asseguravam os seus amigos que Trombetti conhecia cerca de 300 dialectos orientais.

No congresso internacional de psicologia que se efetuou em Paris em 1900, o Professor Dr. Charles Richet, apresentou à Assembléa um pequenito espanhol, com três anos e meio de idade — Pepito Arriola — que tocava e improvisava ao piano diversas árias. A mãe do pequeno contava como descobrira os dotes musicais extraordinários do filho. Tinha, então, o rapazito dois anos e meio — dizia a mãe de Pepito — quando ela descobriu a aptidão musical do filho. Nessa época, a mãe costumava tocar ao piano a composição que um amigo lhe oferecera. Uma manhã, como ouvisse tocar a mesma música no seu piano, com acentuada justeza e autoridade, entrou na sala, e viu que o pianista era Pepito, o qual, para chegar ao teclado, se encarrapitara num banco alto.

Com três anos incompletos tocou piano diante de numeroso auditório de músicos e críticos. Não sabia ler, nem o alfabeto nem os caracteres musicais. Escrevia as composições com símbolos inventados por êle, em que não era possível descobrir nenhum senso. Era curioso vê-lo pegar num pedaço de papel em que garatujava umas rabiscas, talvez a querer significar a denominação da peça musical. Em seguida, riscava uns traços pretos que êle assegurava serem notas. Olhava para o papel com ar satisfeito; sentava-se ao piano e dizia «vou tocar isto», designando os sinais que fizera. Efetivamente, pondo na frente o bocado de papel, o pequeno improvisava de maneira admirável.

O que há nêle de mais surpreendente — declarava Richet — não é a digitação, a agilidade de mãos ou a harmonia, mas a expressão. Possui uma riqueza de expressão espantosa. Quer a música seja triste ou alegre, quer marcial ou enérgica, a

expressão é sempre empolgante. Muitas vezes a expressão que êle imprime ás notas é tão forte, tão trágica—em certas peças melancólicas ou fúnebres—que os ouvintes têm a sensação de que Pepito não pôde com os seus pequeninos dedos significar todas as idéias musicais que nêle vibram: de sorte que — afirma Richet — eu quasi ousaria dizer que o pequeno é um grande músico, mas de uma grandeza tão grande que não parece o que é... Não só toca os trechos que acaba de ouvir, mas também executa as músicas que ouça cantar. Então, é maravilhoso vê-lo procurar, imaginar, reconstituir a consonância entre graves e agudos e fixar a harmonia, como poderia fazê-lo um músico hábil».

Em 1911, Willy Ferreros, com 4 anos e meio de idade, dirigia magistralmente a orquestra das Folies-Bergères, em Paris.

Em 1900, a Universidade de Nova Orleans entregava o diploma de médico a um estudante com 5 anos de idade, chamado Willie Gwin. Os examinadores declararam em sessão pública que o jovem médico era o maior sábio osteólogo que até então tinham examinado.

Entre as crianças-prodígios, os jornais transatlânticos citaram uma que aos onze anos de idade fundára um jornal com o nome *The Sunny House*, cuja tiragem, ao terceiro número, se elevára a 20 mil exemplares, tal fôra o interêsse despertado na multidão.

O engenheiro sueco Ericson, aos 12 anos foi inspector no grande canal de Suez e tinha 600 operários sob as suas ordens.

Ruth Slenczyuski, com dez anos de idade, era já uma pianista prodigiosa. Perante numeroso e seletto auditório deu um concerto em Washington interpretando esplendidamente obras de Beethoven, Mozart e Chopin. Os espectadores mais entendidos declararam que tinham ouvido a maior maravilha do século. Os críticos musicólogos qualificaram a pequena artista de *gênio gigante*.

Recordo aquella insigne pianista russa de 9 anos, Margarida Haifetz, que em Moscovo, em 1933, regeu uma grande orquestra, na sala do Conservatório. Duzentos músicos seguiam a batuta empunhada por aquella criança. Nas doze peças que regeu, figuravam a quinta sinfonia de Beethoven e a última de Schubert. A maestra de 9 anos contava que o pai, quando ela tinha seis anos, lhe ensinara

solfejo, depois do que começara a tocar piano; mas do que ella mais gostava era de dirigir orquestras. E explicava:... «O piano tocam-no muitos rapazes da minha idade, enquanto reger uma orquestra não o faz outra criança senão eu, segundo afirma meu pai. Além disso, quando toco em público incomoda-me muito que olhem para as minhas mãos. Ninguém me olha para as mãos quando estou a reger».

Outro caso: o daquela jovem senhora, licenciada em letras, atacada subitamente de amnesia total!... Após um profundo sono letárgico, despertou «como uma pessoa que tivesse sido transportada a um país desconhecido». Já não sabia exprimir-se em francês—língua da sua nacionalidade—e os seus atos eram os de uma criança que não tivesse ainda aprendido a servir-se dos objetos de uso comum. Algumas semanas de estudos bastaram à doente para reaprender a ler e a contar, e, de repente, passou a exprimir-se em várias línguas que anteriormente desconhecia, nada menos de doze. Redigiu textos com a mão esquerda, o que antes da doença não fazia.

Esteve há anos em Lisboa um violinista de doze ou treze anos, que deslumbrou os ouvintes, com a sua técnica, e sobretudo com a sua maravilhosa expressão. Nos instantes em que não tocava, o seu aspecto era infantil; mas quando empunhava o arco, o seu rosto transfigurava-se, parecia que todo êle se iluminava de uma luz transcendental.



As Vidas Sucessivas na Biblia

A propósito de um nato-cego encontrado no caminho, os discípulos perguntaram a Jesus:

— Mestre, que pecado fez êste ou fizeram seus pais para nascer cego? (João, IX, 1 e 2).

A pergunta mostra que os discípulos atribuíam a cegueira daquela criatura a uma expiação. Trata-se de um cego de nascença; a falta, portanto só podia ter sido cometida numa existência anterior.

Debalde os adversários do reincarnationismo tentaram explicar de outra maneira esta passagem do Evangelho. Para se livrarem de embaraços produziram raciocínios como êste: «O cego de nas-

cença já tinha pecado no ventre materno!»

Espantosa e inconcebível tão execrável dialética! Entretanto, Jesus Cristo respondeu à pergunta dos discípulos: «Não foi por pecado que êle fizesse, nem seus pais, mas foi para se manifestarem nêle as obras de Deus». (João, IX, 3).

Nessa época acreditava-se que Espíritos eminentes viessem, em novas encarnações, continuar, concluir missões interrompidas pela morte. Por exemplo, Elias voltou à Terra na pessoa de João Baptista. E' Jesus quem o afirma nestes termos (Mateus, XI, 14): «E se vós o quereis bem compreender, êle mesmo é o Elias que há de vir».



Hereditariedade

A hereditariedade não é mais que a soma totalizada das experiências de cada um no decurso da existência. Forma como que um abundante lençol de água donde escorrem miríades de regatos. Ora, esta nascente rapidamente se esgotaria se não fôsse constantemente alimentada. Se há, por exemplo uma hereditariedade sifilítica, é porque houve sifilíticos de carne e osso atacados da terrível doença em detrimento próprio, primeiramente, e, depois, em prejuizo da descendência.

«Que somos nós? — pergunta Bergson: — que é o nosso character?» — E êle mesmo responde: «Somos a condensação da história que temos vivido desde o nosso nascimento, antes mesmo do nosso nascimento, porque todos nós trazemos conosco predisposições pre-natais. E' com o nosso passado todo inteiro que nós desejamos, queremos, agimos».

Nós vimos de muito longe e de muito baixo.

Nós vimos desde sempre, eternamente.

Se o tempo é uma ilusão, que nos resta senão a eternidade?



O Credo de Edison

Revue Spirite.

Eis como, escreveu o *Progressive Thinker*, o médium Bert Reese conseguiu vencer Edison. O grande sábio duvidava dos fenômenos de clarividência. Reese foi visitá-lo, descreveu-lhe minuciosamente os trabalhos mais secretos de seu laboratório e o converteu. Em seguida, Edison escreveu um artigo em *New-York Times*, verdadeiro Credo de um convertido. O Dr. William H. Thomson, o autor de «Cérebro e Personalidade», ridicularizou o artigo. Edison, estomagado, enviou Reese a casa do detrator. «Volte amanhã, disse êle ao médium, vou preparar uma peça que o deixará em apuros». E o sábio preparou alguns envelopes que continham textos ingleses, francêses, latinos e árabes, escondendo-os em diversos móveis. Dia seguinte, Reese, postado diante de cada móvel *fechado*, leu o conteúdo dos envelopes, e o profano, que ignorava o francês, o latino e o árabe, responde todas as perguntas escritas pelo professor Thomson. «Você é um portento, declarou êste por fim, e agora eu creio na clarividência». No dia seguinte, o incrédulo arrependido afirmava publicamente sua certeza, no jornal *Sunday Times*.



Aparição de defunto no leito de morte

Luce e Ombra.

Uma enfermeira de Hospital vê junto a uma agonizante, uma figura humana, de forma nebulosa, transparente, através da qual ela distingue os desenhos de um biombo.

O mesmo caso se produz em West Pittston, à cabeceira dum doentinho em último extremo. O menino que vai morrer reconhece a seu lado, sua mãe defunta.

Todos êsses factos, que não são recentes, foram minuciosamente controlados por autoridades nas ciências psíquicas.

Enquanto os homens procuram, pelas armas, romper a fortaleza do orgulho, da hipocrisia, do preconceito e da ganância, que geram a injustiça e o infortúnio, os Espíritos da Grande Milícia Celeste elaboram planos para nortear os homens nas suas justas aspirações. — CAMARGO.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Semana Espírita de Três Rios

Sessão do dia 20-XI-1947 — 6.º dia.

Na próspera cidade fluminense de Três Rios, realizou-se do dia 15 a 23 de Novembro último, mais uma Semana Espírita, organizada pelo Centro Espírita «Fé e Esperança». Convidados pelos irmãos diretores do dito Centro, lá chegámos, ás 11,30, com a representação da Confraternização Espírita «Lar de Jesus», nós pelo C. E. «Estrada de Damasco», os jovens Jorge e Georgina Chambarelli, pela Juventude do C. E. «Caminhemos com Humildade», e Adolfo Belém, do «Fé, Esperança e Caridade», respectivamente, de Mesquita, Nilópolis e Nova Iguaçu. A' gare da Central já se achavam aguardando a nossa chegada, os irmãos Acir Faria, Benedito Cruz Filho, Jair do Espírito Santo e outros. Conduzidos ao Centro, aí fomos abraçados pela estimada irmã e confrade D. Rita Cerqueira, Evaristo Arneiro e outros. Após ligeiro repouso, nos apartamentos do Asilo Manoel Pessoa de Campos, destinados para alojamento dos visitantes, e cujas obras estão quasi a terminar, foi servido o almoço. Depois do almoço, fomos todos, por gentileza dos irmãos tresrienses, conduzidos pelo trem da Central à vizinha cidade de Paraíba do Sul, visitando os semaneiros os pontos mais pitorescos da cidade, inclusive a séde da União Espírita «Amor e Caridade», à rua Duque de Caxias, 94, e aí nos foi dado assistir um tocante acontecimento: os diretores da Assistência daquela União faziam distribuição de utilidades a um regular número de homens, mulheres e crianças. Recebidos à porta da União, que mantinha as janelas fechadas, exemplificando o ensinamento — «não saiba a vossa mão esquerda, o que a direita faça».

Depois das apresentações, o irmão Alcir assumiu à mesa da presidência, convidando a compô-la todos os integrantes da pequena Caravana, os quais usaram da palavra,

não só para felicitar os irmãos paraibanos, pelo exemplo vivo da caridade na prática da qual foram surpreendidos. A's 18 hs. deu-se o regresso a Três Rios, pelo onibus da carreira.

A's 18,20 chegaram, a Três Rios, em onibus especial os irmãos de Juiz de Fóra, cuja noite lhes pertencia. A's 19,0 chegaram os irmãos de Paraíba do Sul, em limousines.

A's 20,25, com a casa completamente cheia, o irmão Acir Faria, assumiu a direção dos trabalhos, convidando para compôr a mesa, os irmãos visitantes, seguintes: Aleixo Magaldi, Osório Pacheco, Antonio Scarnapiece, Luiz Mescolin Filho, Isaltino Silveira Filho e Lindolfo Dutra. Após a prece inicial, pelo irmão presidente, os jovens presentes cantaram o hino da Alegria Cristã. O irmão João Silveira, saudou os visitantes com palavras de repassada emoção e carinho. A jovem Beatriz declamou a poesia — «Confraternizar», Osório Pacheco, agradeceu a saudação dos irmãos de Três Rios, Belmiro Costa, falou sôbre o ponto — «O Óbulo da Viuva». O jovem Cleber Halfeld saudou os seus irmãos de Três Rios, em nome das Juventudes Espíritas de Juiz de Fóra; o jovem Geraldo, leu uma mensagem da União Espírita André Luiz, de Juiz de Fóra, e após fez a sua entrega à jovem Aracy, da Mocidade Espírita Bezerra de Menezes, local; a jovem Dioné Torno, transmitiu aos jovens visitantes, o abraço fraternal da J. E. Bezerra de Menezes. Isaltino Silveira, falou também sôbre o ponto programado; Aleixo Magaldi, falou pelo jornal «O Medium» e pelo Ambulatório de João de Freitas, de J. de Fóra, enaltecendo o trabalho edificante de D. Ritinha Cerqueira, no amparo à criança e à mãe pobre, exemplo vivo de dedicação de viuva honrada. Luiz Mescolin Filho, fez a prece final, sendo encerrada a sessão. Antes da prece final, o irmão Virgílio Santos, unico representante de Astolfo Dutra, pediu a palavra, e possuido de verdadeira

emoção, disse, entre lágrimas, alguma cousa sobre a sua conversão ao Espiritismo, assim como justificando a ausência dos seus companheiros. As jovens presentes cantaram o hino da Alegria Cristã, sendo definitivamente encerrada a reunião.

J. B. CHAGAS.

Mensagem de Novo Ano do Grupo Espírita Familiar Cairbar Schutel

Instituição do Serão Evangélico quinzenal

Ao iniciar-se o ano de 1948, o Grupo Espírita Familiar Cairbar Schutel dirige uma saudação a todas as entidades e agremiações evangélicas, concitando-as a um convívio fraterno mais intenso, com a superação de todos os divisionismos sectários. O mundo atravessa uma das horas mais decisivas da história humana, e agora, mais do que nunca, é necessário que os corações de bôa-vontade, iluminados pelo amor universal, procurem se unir e colaborar, o mais estreitamente possível, na construção de uma nova era mundial de espiritualidade e fraternidade.

Com êsse objetivo, o Grupo Espírita Familiar Cairbar Schutel resolve promover, quinzenalmente, em sua sede, à rua das Camélias n. 40, Vila Mariana, S. Paulo, o SERÃO EVANGÉLICO, durante o qual serão estudados, discutidos e comentados os Evangelhos de Jesus, num ambiente de fraternidade e sob a única autoridade dos próprios textos. O SERÃO constará também de declamações, cantos, músicas, recitativos, leituras e palestras breves, números de representação, e tudo o mais que possa servir para o aprimoramento da cultura evangélica dos adultos e a educação das crianças e jovens.

Certo de que essas reuniões, promovidas com o concurso de elementos de outros vários grupos, constituem um poderoso meio de esclarecimento e elevação das consciências e dos corações, o Grupo sugere a sua promoção por todas as demais agremiações, de maneira a que os laços de amizade da numerosa família evangélica possam se estreitar cada vez mais.

Dentro do espírito cristão da parábola do Samaritano, o Grupo convida não somente os espíritas, mas também os católicos, protestantes, teosofistas, exoteristas, e elementos de outras religiões e doutrinas, materialistas e ateus,—todos, enfim, que embora divergindo no terreno das idéias e da interpretação, tenham no coração o anseio da fraternidade universal,—a frequentarem o seu SERÃO EVANGÉLICO quinzenal.

O SERÃO EVANGÉLICO realizar-se-á sempre num sábado de cada quinzena, às 20 horas, sendo previamente anunciado o seu programa.

Watson Campêlo

O Centro Espírita «Cairbar Schutel», da Capital, à Rua Bibí, n.º 7-A, teve a grande surpresa e ao mesmo tempo a intensa satisfação de acolher no dia 27 de Dezembro último, o denodado confrade Watson Campêlo, que, em visita, proporcionou à assistência momentos de real fraternidade espírita.

Além de temas da atualidade espírita em que impressionou profundamente os presentes, aliou a essa sabatina oportuna, a sua inteligência lúcida.

A Diretoria, grata pela bondosa visita, faz votos de constante progresso espiritual.

Do Correspondente.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

== ÍNDICE ==

Das matérias contidas no 23.º ano da Revista Internacional do Espiritismo

(Fevereiro de 1947 a Janeiro de 1948)

N.º 1 — FEVEREIRO DE 1947

	Pag.
O Nosso Aniversário	Redação 1
Sugestão e atitude mental	Adauto O. Serra 2
Cruzada do Espiritismo de Vivos	Leopoldo Machado 4
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner 6
Evangelho Vivo	J. B. Chagas 9
Em torno de um livro	Elídio Taveiros 11
Confederação Espiritica Pan Americana	Cepa 14
Trinta anos entre os mortos	Dr. Carl A. Wickland 15
Livros e Autores	Leopoldo Machado 17
Crônica Estrangeira	Redação 19
Espiritismo no Brasil	" 21
Necrologia	" 26

N.º 2 — MARÇO DE 1947

Movimento Renovador	Redação 27
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner 28
Cruzada do Espiritismo de Vivos	Leopoldo Machado 30
Em. câmara lenta	Carlos Imbassahy 32
Sugestão e atitude mental	Adauto O. Serra 34
Fenômenos de Materialização	Amadeu Santos 36
Confederação Espiritica Pan Americana	Cepa 40
Estudos Evangélicos	Ricardo Machado 41
Obreiros da Vinha do Senhor	J. B. Chagas 42
Uma Carta	A. Oliveira Lima 45
Crônica Estrangeira	Redação 46
Espiritismo no Brasil	" 49

N.º 3 — ABRIL DE 1947

Considerações sôbre a Paz	Redação 51
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner 53
Decálogo do Espiritismo de Vivos	Leopoldo Machado 55
Destruir a Lei.. . . .	J. B. Chagas 57
Trinta anos entre os mortos	Dr. Carl A. Wickland 60
Sugestão e atitude mental	Adauto O. Serra 62
Livros e Autores	Leopoldo Machado 67
Confederação Espiritica Pan Americana	Cepa 69
Crônica Estrangeira	Redação 71
Espiritismo no Brasil	" 73

N.º 4 — MAIO DE 1947

A Ação Social do Espiritismo no Brasil	Redação 76
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner 77

Em torno de um livro	Elídio Taveiros	79
O Romance de Charles Dickens e o caso de Laura Edmonds	J. B. Chagas	82
Livros e Autores	Leopoldo Machado	84
Sugestão e atitude mental	Adauto O. Serra	86
A Missão do Paracleto	Walter R. Accorsi	88
Trinta anos entre os mortos	Dr. Carl A. Wickland	89
Reivindicando lugar para Kardec e a Filosofia Espírita	Cel. Delfino Ferreira	90
Crianças Prodígios	Djalma Farias	93
Crônica Estrangeira	Redação	94
Espiritismo no Brasil	«	96

N.º 5 -- JUNHO DE 1947

Problemas Humanos	Redação	103
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	105
Confederação Espírita Pan Americana	CEPA	106
Loucura Progressiva	Leopoldo Machado	108
Espiritismo e Psicanálise	Carlos Imbassahy	110
Fenômenos de Materialização	Amadeu Santos	112
Os Discípulos de Jesus	Aurelio A. Valente	113
O Espírito Criança	J. B. Chagas	116
Livros e Autores	Leopoldo Machado	118
Espiritismo e Loucura	Djalma Farias	120
Crônica Estrangeira	Redação	122
Espiritismo no Brasil	«	125
Necrologia	«	126

N.º 6 — JULHO DE 1947

Novos Rumos á Medicina	Redação	127
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	129
Fenômenos de Materialização	Amadeu Santos	131
Nas Regiões do Inconsciente	Carlos Imbassahy	133
Trabalho das trévas	J. Herculano Pires	135
Panamericanismo Cristão	Leopoldo Machado	137
Sugestão e atitude mental	Adauto O. Serra	138
O Espírito Criança	J. B. Chagas	140
Fenômenos	Spártaco Banal	142
Livros e Autores	Leopoldo Machado	142
Trinta anos entre os mortos	Dr. Carl A. Wickland	143
Notícias da Cepa	Redação	145
Filosofia Espírita	Djalma Farias	146
Cruzada do Espiritismo de Vivos	Noraldino M. Castro	148
Crônica Estrangeira	Redação	149
Espiritismo no Brasil	«	152

N.º 7 — AGOSTO DE 1947

Cesar Lombroso e os factos espíritas	Redação	155
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	156
Fotografia Transcendental	Carlos Imbassahy	158
O tempos chegaram! Missão e deveres dos obreiros	J. B. Chagas	159
Escolas Espíritas	Aurelio A. Valente	161
Fenômenos de Materialização	Amadeu Santos	162
Livros e Autores	Leopoldo Machado	163
«Apport» (transporte) salvador	Max Kohleisen	166

Tagore, Testemunha Espírita	J. Herculano Pires	167
Do sonho à realidade	Leopoldo Machado	169
Sugestão e atitude mental	Adauto O. Serra	171
Crônica Estrangeira	Redação	174
Espiritismo no Brasil	«	175

N.º 8 — SETEMBRO DE 1947

Factos comprobativos da Reincarnação	Redação	179
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	181
Ideoplastia	Spártaco Banal	183
Ciência Espírita	Djalma Farias	184
Fenômenos de Materialização	Amadeu Santos	185
A obra de Geley	Ismael Gomes Braga	186
Livros e Autores	Leopoldo Machado	188
Fenômenos de Materialização Ideoplástica	Ernesto Landmann	190
Trinta anos entre os mortos	Dr. Carl A. Wickland	192
O fim do século	J. B. Chagas	194
Espiritismo e Esperantismo face ao Americanismo	Delfino Ferreira	196
Crônica Estrangeira	Redação	198
Espiritismo no Brasil	«	199

N.º 9 — OUTUBRO DE 1947

Reverenciando uma data	Redação	204
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	205
Respostas e pontos de vistas	Leopoldo Machado	206
Fenômenos de Materialização	Amadeu Santos	208
O Pharaó Mernaphtah	Aurelio A. Valente	211
A obra de Geley	Ismael Gomes Braga	212
«In hoc signo vinces»	Arnaldo S. Thiago	213
Livros e Autores	Leopoldo Machado	215
Cosme Mariño	Redação	217
Vamos lêr Kardec?	J. Herculano Pires	218
O Mundo da E'ra Atômica	Max Kohleisen	219
Nascimento e Morte	Walter R. Accorsi	220
Crônica Estrangeira	Redação	221
Espiritismo no Brasil	«	224

N.º 10 — NOVEMBRO DE 1947

Em torno da morte	Redação	227
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	229
A obra de Geley	Ismael Gomes Braga	230
Onde ides, Mocidade louca do Brasil?	Leopoldo Machado	232
Os sinais dos tempos	J. B. Chagas	235
Mesas e cabeças girantes	Carlos Imbassahy	236
Fenômenos de Materialização	Amadeu Santos	238
Vidas Sucessivas	Djalma Farias	242
Livros e Autores	Leopoldo Machado	243
Crônica Estrangeira	Redação	245
Espiritismo no Brasil	«	247

N.º 11 — DEZEMBRO DE 1947

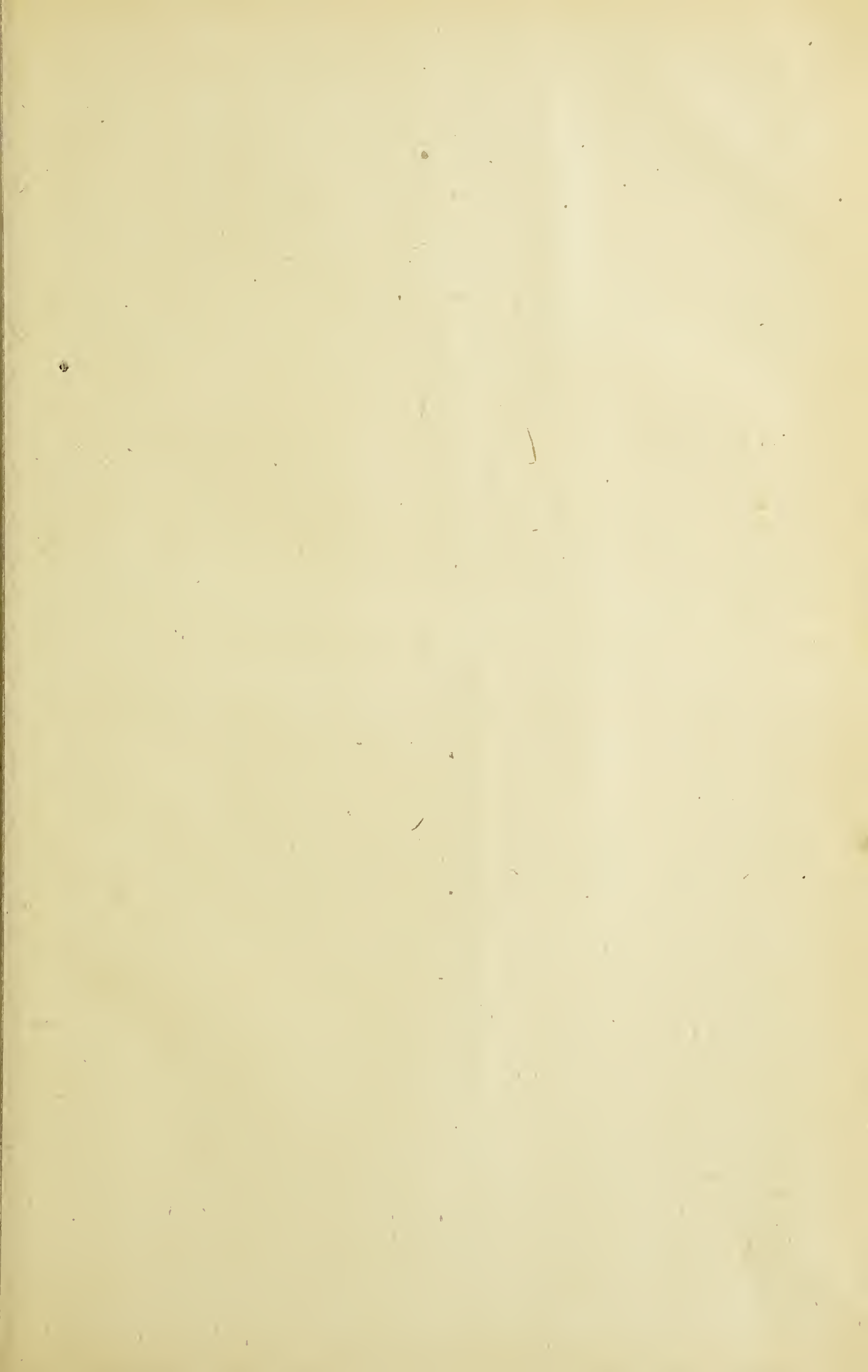
A' Guisa de Homenagem	Redação	251
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	253

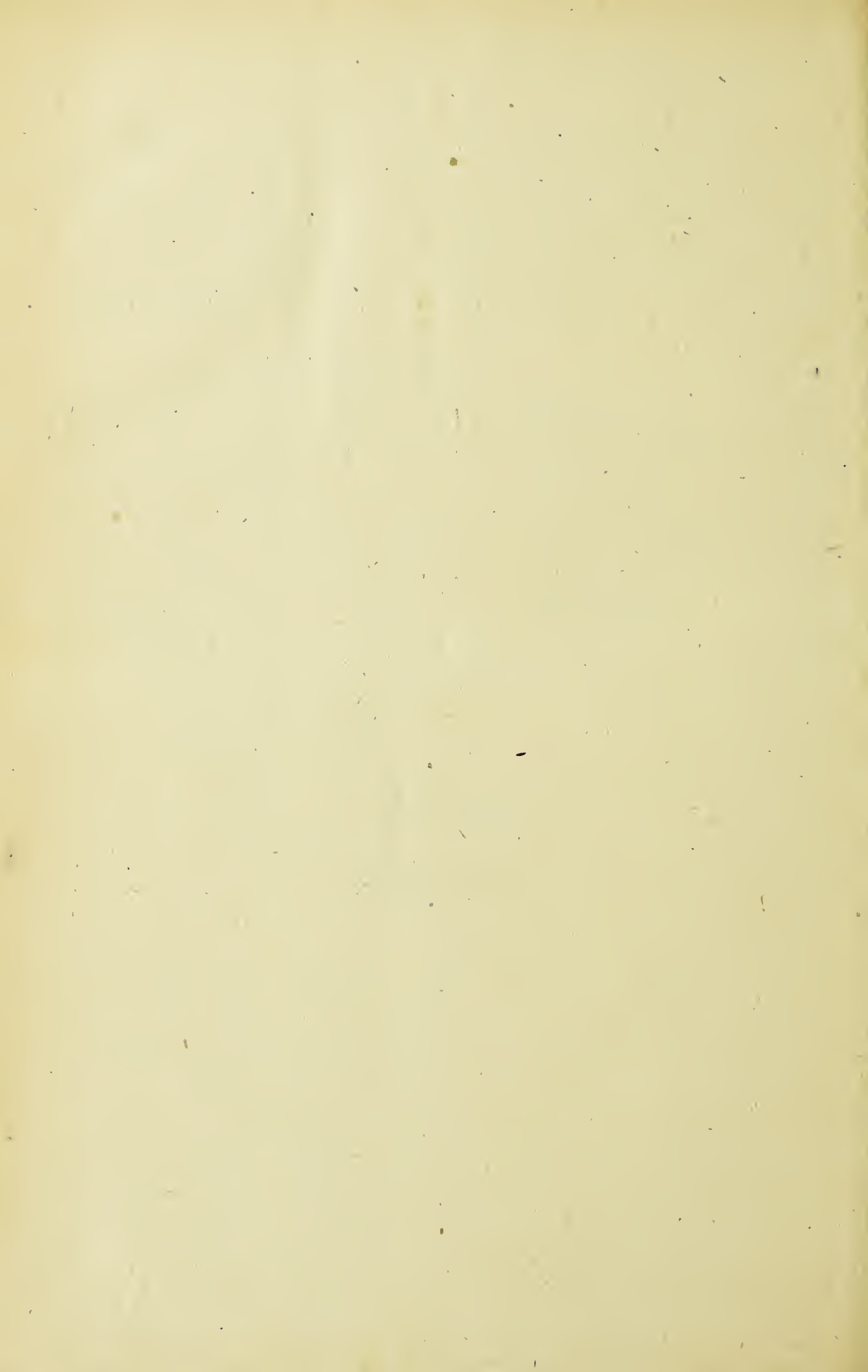
Os «Milagres» do Padre Antonio à Luz do Es- piritismo	Leopoldo Machado	254
A Prece e o Canto	J. B. Chagas	256
Que acontecerá, depois?	J. Herculano Pires	259
A obra de Geley	Ismael Gomes Braga	261
Fenômenos de Materialização	Amadeu Santos	262
«Data Venia»...	Arnaldo S. Thiago	265
As obras de assistência social	Aurelio A. Valente	266
Trinta anos entre os mortos	Dr. Carl A. Wickland	268
Crônica Estrangeira	Redação	269
Espiritismo no Brasil	«	272

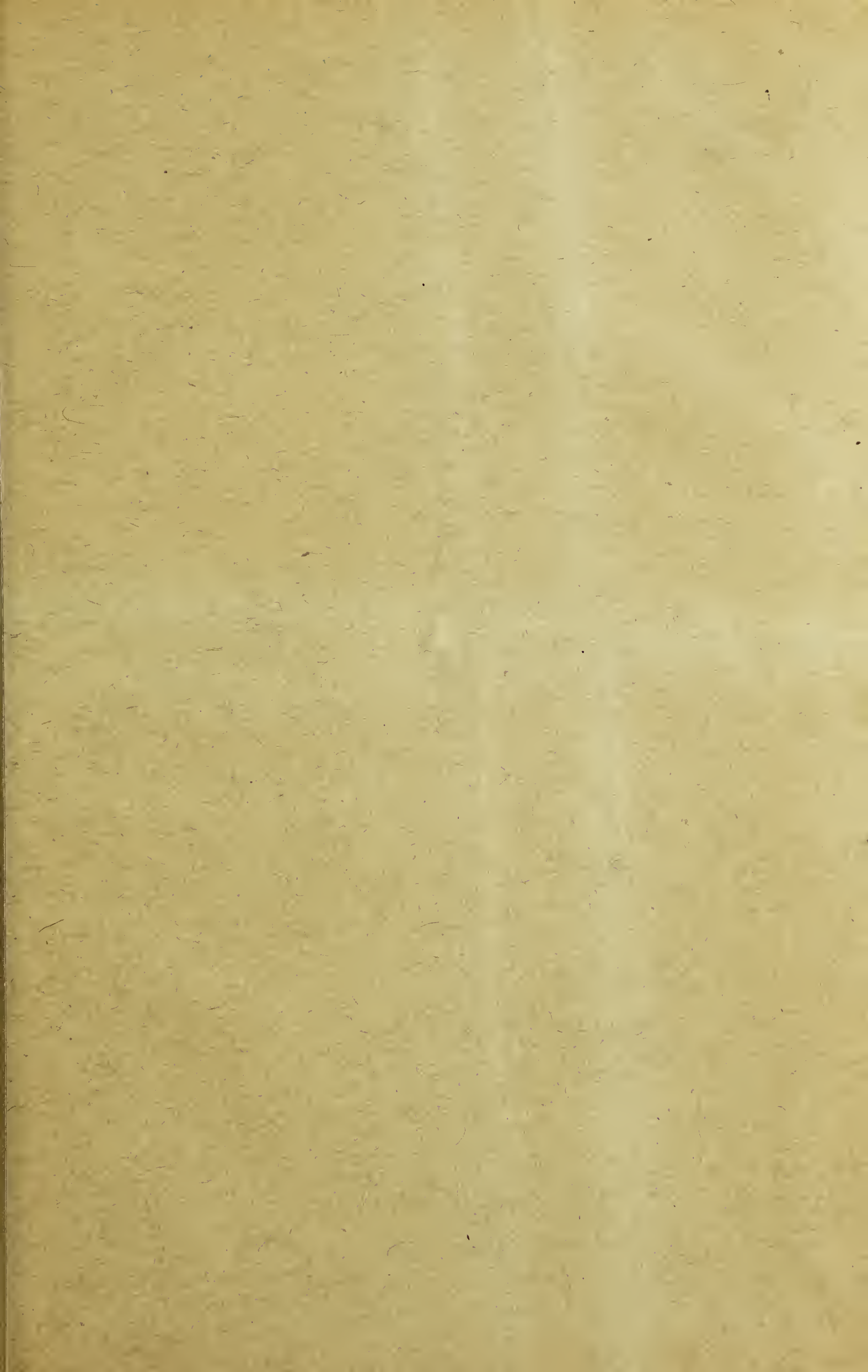
N.º 12 — JANEIRO DE 1948

Cairbar Schutel	Redação	275
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	277
Pontos de Vista	Leopoldo Machado	278
Fenômenos de Materialização	Amadeu Santos	281
No Bazar dos Tecelões	J. B. Chagas	283
A obra de Geley	Ismael Gomes Braga	285
Como Jesus operou a cura de um surdo-mudo	Spártaco Banal	287
Livros e Autores	Leopoldo Machado	288
A Morte e a Alma	Juventus	289
O Juízo Final	Elídio Taveiros	290
Semana Santa	Djalma Farias	293
Crônica Estrangeira	Redação	294
Espiritismo no Brasil	«	297









Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Director: José da Costa Filho

Redator: A Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. \$2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

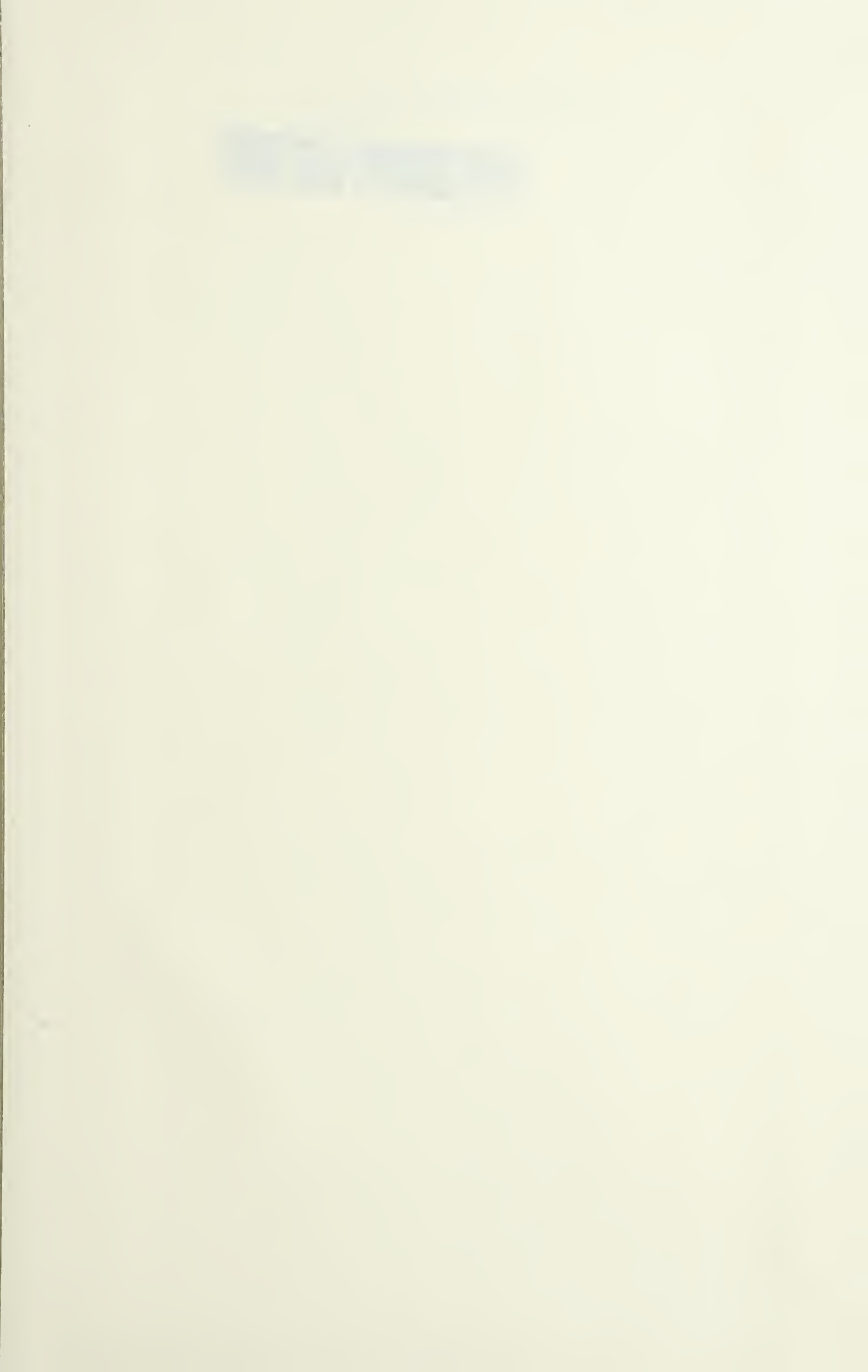
8931CL

02-06-07 32180

826

XL

EF Group



FOR LIBRARY USE ONLY

Page 100 in Library only

